

O

ANNIE
BESANT

APERFEIÇOAMENTO
DO HOMEM

EDITORIA PENSAMENTO



Annie Besant

O Aperfeiçoamento do Homem

Tradução de
Cinira Riedel de Figueiredo



Editora Pensamento
São Paulo

Créditos

Autora: **Annie Wood Besant** (1847-1933)

Título do original inglês: **Initiation, The Perfecting of Man**

Direitos reservados à Editora Pensamento
Rua Dr. Mário Vicente, 374, São Paulo SP - 04270. Fone 63-3141

Título em Português: **O Aperfeiçoamento do Homem**

Tradução: **Cinira Riedel de Figueiredo**

Impresso no Brasil: Gráfica Pensamento
Rua Domingos Paiva, 60, São Paulo SP 03043. Fone 270-3033

1ª Edição: 1974, 134p; **Capa:** sem autoria; **Catalografia:** ausente; **ISBN:** ausente; **Código:** 468975;
Assunto: Teosofia

Conversão Digital: 2020

Digitalização: PDF web. Atendido o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na revisão, cujas eventuais observações estão em Notas (**N.R.**). Produzido sem fins lucrativos visando deficientes visuais; se não o for, considere comprar um original e doá-lo a uma biblioteca.



Publicação original da Ed. Pensamento que saiu de catálogo. A **EDITORIA TEOSÓFICA** assumiu o título com a mesma tradução e **nova capa** de **Francisco Regis** (ver adiante, no índice); e registrado no **ISBN 978-85-7922-090-6**: **1ª Edição** em **2013**, 112p.



Apresentação da Obra

Annie Besant: O Aperfeiçoamento do Homem

O aperfeiçoamento progressivo do homem invariavelmente tem sido o propósito de todos os sistemas religiosos, filosóficos, educacionais e mesmo políticos. Os métodos adotados variam em cada sistema, porém é o mesmo o seu objetivo comum.

Este livro aborda este mesmo tema, por um prisma diverso, mas não divergente, que é o da chamada **Iniciação** por etapas definidas, cada qual correspondente a um determinado grau de desenvolvimento da consciência humana, e mostra como essas etapas estão claramente enunciadas no Evangelho cristão, nas diferentes e mais marcantes fases da vida de Jesus o Cristo.

E a autora o faz com um estilo claríssimo, empolgante e magistral. Essas fases são o nascimento, o batismo, a transfiguração, paixão e ressurreição final de Cristo, que são apresentados mais como relatos alegóricos do que fatos históricos, e como aplicáveis ao aperfeiçoamento de toda Alma humana, e não simplesmente ao sublime Mestre da Palestina.

Assim, aqui se indicam os primeiros passos dados no sentido do aperfeiçoamento; depois, a busca do Mestre; o encontro do Mestre; a vida do Cristo; o Cristo triunfante e a obra da Hierarquia, tão intimamente relacionada com o aperfeiçoamento do homem, e finalmente, a conferência *“porque cremos no advento de um Instrutor do mundo”*.

É este um livro destinado a projetar uma luz bem penetrante nos ensinamentos do Evangelho cristão, interpretados *“segundo o espírito que vivifica”* e em paralelo com outros ensinamentos filosóficos, de Ioga, e religiosos. Quem o estude atentamente, poderá compreender e viver melhor a sua religião, e nele encontrar um novo e lúcido conceito da vida espiritual e mística.

Editora Pensamento

Índice

O Aperfeiçoamento do Homem

Créditos

Apresentação da Obra

Índice

Prólogo

Prefácio

Capítulo I. O Homem do Mundo

Capítulo II. Buscando o Mestre

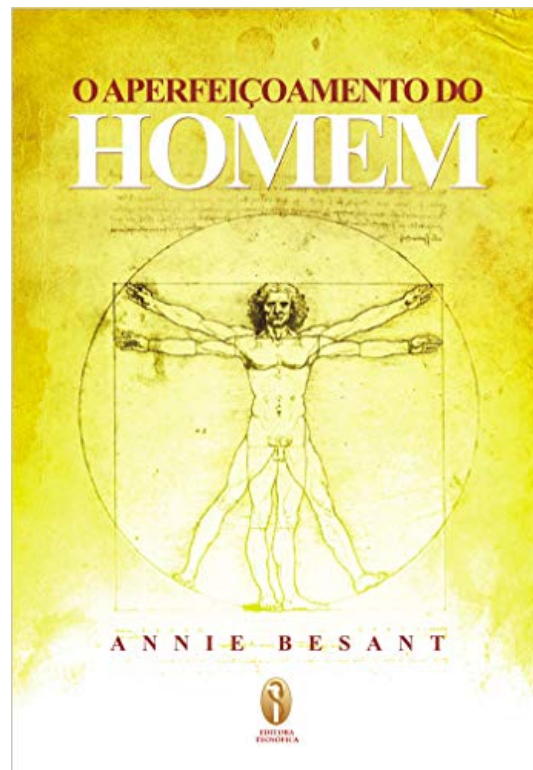
Capítulo III. Encontrando o Mestre

Sinopses (da autora)

Capítulo IV. A Vida do Cristo

Capítulo V. O Cristo triunfante e a obra de Hierarquia

Capítulo VI. A vinda periódica de um Instrutor do Mundo



Capa do livro editado pela Editora Teosófica

Prólogo

O processo da Iniciação é, de maneira geral, uma ascensão por uma espécie de caminho espinhoso de quatro etapas ou graus sucessivos, cuja distância entre si depende mais do esforço do próprio indivíduo. Cada uma destas etapas iniciáticas vai acompanhada de uma expansão da consciência, a qual proporciona “a chave do conhecimento”, que é também a chave do poder, pois nos reinos da Natureza “saber é poder”.

Esse processo é tão antigo como o mundo. Vigorou amplamente durante o período áureo do remoto passado e ainda vigora atualmente, porém de maneira muito restrita, por ser o egoísmo do homem muito mais forte do que o seu interesse pela vida espiritual. Por isso, e talvez por muito tempo mais, ainda prevalece ali a regra enunciada por Cristo há dois mil anos: “*Muitos são os chamados, porém poucos os escolhidos*”, para trilhar o “*Caminho, a Verdade e a Vida*”.

Neste livro a dra. Annie Besant expõe, com a lucidez que lhe é peculiar, o grande fato e a lei da Iniciação através dos Evangelhos cristãos. Além de refletir a vida histórica de Cristo, esses Evangelhos apresentam, sob o ponto de vista iniciático, um bem elaborado e iluminativo Drama das etapas evolutivas pelas quais passa toda Alma humana em sua busca do “Reino do Céu”, em que ela ascende de luz em luz até unificar-se com Deus. É durante essa ascensão progressiva que o Cristo Interno “nasce” e cresce por etapas, desde o estágio do Cristo-menino até o da “plenitude e altitude espiritual do Cristo”-adulto, o “Senhor da Vida e da Morte”.

O livro está, além disso, acrescido e enriquecido de uma esplêndida

conferência que a mesma autora proferiu por volta de 1912 em Edimburgo, Escócia, Inglaterra, sobre a vinda periódica de um grande Instrutor Espiritual ao mundo, e fê-lo com base no estudo comparativo das grandes religiões e civilizações que ao longo dos séculos exerceram influência marcante na cultura dos diferentes povos e impulsionaram o progresso espiritual da humanidade em geral.



No final do século XIX, o mundo se debatia como náufrago no materialismo, colocando em campos opostos a Ciência e a Religião, e fazendo que os homens de ciência não mais aceitassem as religiões a não ser como uma “simples superstição tradicional”, oriunda de um passado de povos primitivos. Foi nessa hora que o Espiritualismo moderno saiu em campo, condensando em algumas obras básicas as filosofias do Oriente, aliadas aos conhecimentos religiosos da Idade Média, que, conquanto obscurecida pelo fanatismo, não deixou de mostrar ao mundo certas verdades espirituais, que são tão válidas hoje como na antiguidade. Daí e de outros fatores despontou no mundo ocidental o albor de uma nova era, de uma mais ampla mentalidade, capaz de enfrentar airoso o desafio do materialismo, que em toda a parte porfiava em apagar a tênue fé reinante nos corações humanos.

Foi assim que nos começos do século XX se iniciou na velha Europa o rompimento de ideias e ideais arcaicos ditos religiosos e filosóficos. E uma nova Estrela do Oriente, desta vez a sua milenar Doutrina sobre o Espírito eterno, foi pouco a pouco se impondo à mentalidade de homens que, ao invés de correrem, como outrora, para o Oriente, especialmente a Índia, em busca de riquezas materiais, para ali agora acorriam e se integravam em suas filosofias, das quais extraíam maior acervo de

conhecimentos para alimentar suas mentes gastas e insatisfeitas com as suas cediças concepções da vida.

São numerosos os nomes de orientalistas que nessa época se entregaram à faina de trazer para o Ocidente a luz do Oriente. Nesse afã se destaca o trabalho organizado e desenvolvido pela Sociedade Teosófica, fundada em 1875 por **Helena P. Blavatsky** e outros, que estabeleceram uma sólida ponte entre esses dois hemisférios.

As suas duas obras básicas em ciência espiritualista, *A Doutrina Secreta* e *Isis sem Véu*, formam o arcabouço de tudo quanto possa ser apresentado como renascimento de uma nova era para o Ocidente, e sua fusão com o antigo Oriente, para que possamos, através destes dois livros, ver e sentir que um novo mundo surgiu na superfície da terra, com novas formas em suas instituições religiosas e filosóficas. E mesmo veladamente, por interesse ou necessidade, a Ciência, que foi o apanágio de nosso século, com suas descobertas gigantescas, bebeu na fonte da filosofia oculta muito do que realizou no século XX. Não sabemos bem porque, mas o certo é que tudo o que vai acontecendo cientificamente nos dias de hoje, foi profetizado e apresentado neste dois e outros livros, como um conjunto de afirmações tiradas do passado e apresentadas para o homem atual.

Nem sempre correm as coisas tal como são ditas com relação ao tempo. Podemos perceber que tudo o que foi apresentado no final do século passado aconteceu no decorrer deste, embora em distâncias diferentes. Mesmo através do *Apocalipse*, tão bem interpretado pelos espiritualistas modernos, encontramos todos os acontecimentos do século ali previstos e realizados.

Estamos apresentando agora as conferências proferidas pela Dra. Annie Besant no começo do nosso século, e que, por sua transcendência,

nos parecem sempre atuais e oportunas. Poderá objetar-se que o advento do grande Instrutor que ela predisse, ainda não se realizou. Todavia, a insigne autora não fixou nenhuma data e em matéria de Ocultismo o tempo não corre com a precisão dos ponteiros de um relógio.

Também muitos que interpretaram a Bíblia e especialmente o *Apocalipse* ao pé da letra, deduziram, primeiro, que Cristo voltaria ao fim de um século depois de Sua Ascensão, e depois, que o Seu advento se daria na metade do século dezenove ou mais precisamente em 2 de outubro de 1844, segundo **William Muller** (1782-1849), o fundador da próspera e bem difundida seita dos *Adventistas*. É que a vida é uma Soberana de poderes absolutos, não sujeitos ao tempo nem ao espaço, e não admite condicionamentos. Sua manifestação é um desenrolar de fatos isolados ou em cadeia, e o tempo e o espaço são uma tremenda ilusão. Cristo inevitavelmente virá, porque essa é a Lei, porém antes disso Ele tem de haver nascido no coração de grande parte da humanidade, através do conhecimento espiritual ou do sofrimento, para evitar a repetição da tragédia que O vitimou há dois mil anos na Palestina.

Quando a Doutora Besant falou do aparecimento de uma nova era, do despontar de uma nova sub-raça e do advento de um novo Instrutor, corroborando assim a ideia já apresentada pelas religiões, fê-lo cientificamente e não de maneira supersticiosa e tradicional. Ela anteviu o futuro. Sua arguta inteligência penetrou nos acontecimentos futuros do novo século, e perscrutou tudo o que certamente serve de base para uma nova civilização.

Estudiosa do passado e visionária do futuro, conhecia palmo a palmo a vida tortuosa dos povos, cujas nações já consideradas velhas e cuja civilização não mais adaptada ao presente, asfixiava sob o seu domínio,

eivado de desigualdades e lutas, uma nova mentalidade de uma juventude desejosa de crescer. Lutou denodadamente pela libertação dos povos explorados, pelo engrandecimento de sua pátria através de melhores métodos de aproveitamento da sua juventude e do denominado povo, nos quais repousa toda a riqueza da nação. Sentiu em seu coração arder a chama do AMOR, e lutou material e espiritualmente pela melhoria das condições humanas. Viveu e sofreu com seus compatriotas, e em seguida, já na velha Índia, tudo fez para continuar a obra da Senhora Blavatsky, e lutou pela libertação política desse país e pela difusão da filosofia oriental em todo o Ocidente.

Vemo-la no final do século XIX lutando pela igualdade social na Europa, e no século XX, já em grande parte triunfante. E hoje sentimos o prazer de traduzir suas conferências, para que aquilo que ela disse aos europeus na Sorbonne e outros grandes centros, seja agora conhecido pelos espiritualistas da América e por nós que nos encontramos ainda no ponto de partida para o engrandecimento mais rápido de nossas pátrias.

Pensando na vinda de um Instrutor como coisa lógica e natural, a autora não anunciou a vinda de Cristo sobre nuvens penetrando nos nossos lares fantasticamente, mas infundiu em nossas mentes o espírito de devoção, e não de adoração a um novo Instrutor. Ela nos disse que ele viria nos inspirar, abrir as nossas mentes a uma nova concepção da Vida e da Verdade, para que pudéssemos por nós mesmos caminhar sem muletas, escorados nos nossos conhecimentos. E que, sem limitações mentais, abrissemos nossas mentes ao conhecimento da Verdade. Ela sabia que uma enorme borrasca seria necessária para nos libertar de um pesado carma. Ela preveniu a velha Europa da necessidade de mudar sua orientação na questão social. E não foi por acaso que a Europa foi sacudida por duas guerras que aceleraram sua evolução. Pode parecer estranho que em vez do Cristo

falando do alto da Montanha, viessem duas guerras trazer sangue e sofrimento. Mas foi o carma acumulado no passado e cujas comportas estouraram, que fez com que estas guerras, sacrificando corpos, elevasse as almas daqueles que foram vítimas ou algozes. No final, todos terão a sua recompensa.

Após isto, vemos que as velhas formas foram modificadas. Sentimos que existe maior união entre os povos e que as religiões tendem a uma intensa modificação no sentido de se unirem. Não existe mais a tão grande separação, e embora ainda estejamos em meio de tanto trabalho, a luta apenas começou. A fervura cresce, as impurezas estão sendo lançadas fora, os bons estão sendo muitas vezes sacrificados, e a sentença “*os inocentes pagarão pelos pecadores*”, está ainda em plena ação. Mas, que se pode realizar, qual a transformação por mais simples que seja, que não se realiza sem sacrifícios? Não será o sacrifício apenas uma imolação de nossas vidas ilusórias no altar sagrado de espírito! Não estaremos todos, por acaso, passando por momentos de transição em nossa vida espiritual para alcançar aquela perfeição pregada por Jesus: “*Sede perfeitos como perfeito é o Pai que está no céu*”!

Lutamos todos por um ideal comum. Antigamente os religiosos lutavam em defesa de sua religião, o cientista de sua ciência, e o filósofo de sua filosofia. Hoje, lutamos todos pelo ideal de melhorar as condições do homem. Não mais nos conformamos com a falta de pão para quem tem fome, de água para quem tem sede, quer do corpo como do espírito. E então, todos se unem, materialistas e espiritualistas, homens de todas as raças e religiões, em busca da Verdade subjetiva que deve se tornar objetiva no coração de cada um.

Um século se passou, e não estamos mais no portal do século XX,

mas sim, no seu final. E o que nos aconteceu? Os países velhos saíram de uma guerra e caíram em outra. Houve luta e sofrimento, mas os povos se aproximaram e as religiões se uniram. A vida se tornou mais bela do ponto de vista espiritual, embora em meio ainda “do ranger de dentes”, pois queremos liberdade e paz, mas somos rodeados de todas as influências de egoísmos, predomínios, autoridades e desrespeito às leis humanas.

Não viveremos, porém, agora melhor do que no passado? Não houve tempo em que o ser humano era queimado vivo por pensar de maneira diferente! As ideias lançadas por Cristo foram melhor compreendidas, e felizmente em Seu Nome não se mata mais ninguém. As discórdias hoje ficam no mundo do pensamento, e já não se concretizam em ações. Os homens dominadores recebem críticas em vez de emulações. Os países que limitam a liberdade de seu povo, são denominados ditatoriais, não com orgulho para o povo, mas com vergonha para os homens de todo o mundo. Do ponto de vista espiritual, o mundo progrediu.

Este século preparou o mundo e mesmo recebeu Seu Instrutor, cujo espírito, através dos véus que ainda cobrem a consciência de seus discípulos, se espalhou por toda a parte, levando ideais de paz, amor e perdão. Se houve guerras, tivemos em meio delas homens valorosos defendendo a paz. Se houve doenças tivemos grande número de criaturas dedicadas à descoberta dos meios de o homem livrar-se delas. Se houve falta de liberdade, tivemos uma juventude sem medo que enfrentou todas as dificuldades em defesa da liberdade. Se ainda há ignorância, o mundo grita por sabedoria.

As crianças nascem diferentes. No começo do século elas ainda se sujeitavam à autoridade. As de hoje lutam pela igualdade e liberdade. Os grandes homens do século passado revivem na nova geração.

Outrora eram uns poucos a clamar por liberdade e fraternidade, hoje são multidões. E não terá, por acaso, vindo já o Instrutor que, como dizem outros, viria entre nuvens tocando sua trombeta para chamar os homens transviados!

Não teria sido isto uma simples alusão ao que realmente está acontecendo? E não será possível que no decorrer do século XXI vejamos esta nuvem invadida pela luz do sol que já vem se manifestando através das crianças e dos jovens? Os primeiros, descontentes com as imposições educacionais do século que finda, e os segundos, enfrentando os problemas criados pelo encontro das duas civilizações que estão em luta. Esta situação nos obriga a uma definição. Lembremo-nos de Shakespeare: *Ser ou não ser*. Ninguém pode mais ser água morna.

Estamos num ponto crucial entre dois caminhos; um que leva para o alto, outro que puxa para o vale. Devemos subir a “Montanha Sagrada” do conhecimento, abrindo a nossa mente à concepção de Verdade que está em toda a parte, e não se restringe a nenhuma delas. Este é o ensino do Instrutor. Cada um deve abrir-se às grandes Verdades, que estão dentro de si próprio. Cada um deve se advertir de que a nova raça que o mundo espera, está dentro de si próprio, de seu coração e de sua mente. Cada um tem que se vencer para ajudar a vencer a raça à qual pertence; cada um tem que expiar seu carma de cabeça erguida e coração tranquilo, enfrentando todas as dificuldades para aliviar o carma alheio.

Devemos ser como diz a Voz do Silêncio “*Macios como a polpa do fruto da mangueira para as dores alheias e duros como o seu caroço para as nossas próprias dores*”. Só desta maneira poderemos entender as palavras de Jesus: “*Amai o próximo como a vós mesmos*”. E só assim sentiremos que o Instrutor já veio, embora ocultos nas nossas mentes

embotadas por um passado repleto de enganos e superstições. Só assim sentiremos a possibilidade de auxiliá-Lo neste final de século, para que no próximo as portas se abram e a humanidade encontre dias melhores para realizar a sua obra. Para que Ele possa rasgar o véu da ignorância e pregar a paz diretamente, por meio de seus líderes e discípulos avançados, ou quem sabe, se pela *Sua Presença* através de Seu discípulo Bem-Amado.

Esta é a mensagem deste livro, trazida no começo deste século, e que agora é traduzida em nosso vernáculo para ser recordada pelos velhos que já a conheciam, e conhecida pelos jovens que encarnam o espírito do futuro. Queremos vê-los interessados no conhecimento desta Lei imutável da Natureza, esta Lei que não impõe compromisso e que deve ser cumprida por nossa vontade, e nunca pela imposição de quem quer que seja que intente ajudar a humanidade em seu caminho.

Queremos paz. Todos repetem a mesma coisa, porém ninguém busca estabelecer dentro de si aquela paz que é eterna, aquela paz que só é encontrada através do Amor. “Enquanto não amardes, não sereis felizes”, disse-nos um Instrutor, porém não basta apenas compreender ou falar do amor. Faz-se mister sentir o amor no coração de tal maneira que ele não fique limitado a si, aos seus, à sua pátria ou aos homens.

É preciso que o amor seja universal. O amor a Deus implica o amor entre todos os seres que são Sua manifestação, a dedicação total a tudo o que é Sua criação. O Amor Universal implica a Realização da Vida Una. Implica a realização de que *Todos somos Um com Deus*. Só assim poderemos ser felizes. Só assim encontraremos em nossos corações a paz que flui dos corações dos outros. Só assim viveremos em harmonia com a Leis Divinas e realizaremos a grande obra, que é a de auxiliar a vinda (sem véus) de um Grande Instrutor, um novo Mensageiro para abençoar o mundo

e auxiliar o despertar de uma nova era, o despertar de uma nova civilização.

Cinira Riedel de Figueiredo

Prefácio

Nestas conferências não há nada de novo, mas apenas uma repetição de antigas verdades. No entanto essas verdades são de tão vívido e perene interesse que, conquanto antigas, nunca perdem o seu viço, e conquanto bem conhecidas, resta sempre algo a dizer, que parece projetar sobre elas nova luz e novo encanto. Pois elas tocam os mais profundos recessos de nosso ser, e trazem o sopro do céu para a vida inferior da terra.

Constantemente imersa nas ocupações diárias, como se acha a maioria das pessoas, ela tende a perder de vista “as coisas pertencentes à sua paz”? E assim qualquer convite para “erguer seus olhos para as montanhas”, é bem recebido pelos ardorosos e cheias de aspiração. As verdades eternas são sempre repousantes, tal qual a visão dos nevados picos montanhosos para os que mourejam nas poeirentas estradas dos vales nu distante baixada.

Possam as recordações dos antigos fatos do Discipulado e Mestrado encorajar uns ao esforço e outros à perseverança. Possam elas ajudar alguns a tomar consciência da possibilidade de obedecerem ao mandamento: “Sede, pois, perfeitos como perfeito é o vosso Pai do céu”.

Annie Besant

Capítulo I.

O Homem do Mundo

Seus primeiros passos

Existe uma Senda que conduz ao que é geralmente conhecido como Iniciação, e através da Iniciação, à Perfeição do Homem. É uma Senda reconhecida em todas as grandes religiões, e suas características principais se acham descritas em termos similares em cada uma dessas religiões.

Podeis vê-la nos ensinamentos católicos romanos, dividida em três partes: (1) A Senda da Purificação ou Purgação; (2) a Senda da Iluminação; e (3) a Senda da União com o Divino. Vós a encontrais entre os muçulmanos, nos ensinamentos místicos do Sufi do Islã, onde são designados sob os nomes de o Caminho, a Verdade e a Vida.

Se avançais para o Oriente, ali a deparais também na grande religião do Budismo, dividida e subdividida, embora suas subdivisões possam ser classificadas segundo o esquema mais amplo. Está analogamente dividida do Hinduísmo. Nestas duas grandes religiões, em que o estudo da psicologia, da mente humana e da constituição do homem tem desempenhado tão grande papel, podeis encontrar uma subdivisão mais definida^{1},

Mas realmente não importa qual a religião a que vos dirigis; não importa qual série particular de nomes escolhais como os mais adequados para vos atrair ou expressardes vossas próprias ideias. A Senda é apenas uma; suas subdivisões são sempre as mesmas.

Desde tempos imemoriais essa Senda tem, se estendido entre a vida do mundo e a vida do Divino. Ao longo de milhares de milhares de anos alguns de nossa raça a têm trilhado; durante milhares de milhares de anos ainda por vir, alguns de nossa raça a trilharão até o fim da história de nosso inundo, até a conclusão deste ciclo especial de período humano.

É a Senda que, de etapa em etapa, capacita o homem a cumprir o preceito de Cristo: “*Sede, pois, perfeitos como perfeito é vosso Pai do céu*”. É a Senda de que o mesmo grande Instrutor declarou: “*Estreita é a porta e acanhado é o caminho que conduz à Vida, e poucos são os que o acham*”.

Sei que em época posterior, quando a maioria dos homens se esquecera da existência da Senda, eles trocaram estas palavras verdadeiras por outras que são absolutamente falsas, as quais tornaram estreitos a porta e o caminho que conduzem para à vida celeste, e largo e amplo o caminho que conduz à condenação eterna.

Isto é uma distorção do ensinamento oculto. É uma tergiversação, pois seguramente Ele, a quem seus fiéis chamam o **Salvador do mundo**, jamais poderia ter declarado que apenas poucas seriam as fileiras dos salvos e praticamente inumeráveis seriam as multidões dos perdidos,

Quando falamos da Senda, não nos situamos naquelas religiões exotéricas que cuidam do céu e do inferno. A vida à qual a Senda conduz o peregrino, não é a vida dos gozos celestes, mas é a vida de que nos fala o quarto Evangelho, onde se lê: “*O conhecimento de Deus é vida eterna*”; é uma vida que não se conta por idades sem limites, porém que significa uma mudança na atitude do homem; que não significa tempo, mas uma vida que está além do tempo; que não se calcula pelo nascimento e por de sóis, mesmo que fossem numa vida imortal.

Mas significa aquela perfeita serenidade, aquela unidade com Deus, em que o tempo é apenas um incidente passageiro da existência, e a vida do espírito é compreendida como uma sempre presente realidade.

Assim, pois, a Senda que vamos estudar nestes próximos dias, por estas breves e pobres descrições, é a curta, embora difícil, via pela qual o homem evoluciona mais rapidamente do que no curso natural da evolução humana. É a Senda pela qual, empregando um símile frequentemente usado, ao invés de ir volteando uma montanha por uma sempre ascendente espiral, o homem sobe diretamente pela sua encosta, sem o preocuparem os penhascos e precipícios, nem se deter ante as quebradas e abismos, pois sabe que nada pode perturbar o Eterno Espírito, e que nenhum obstáculo é mais potente do que a perseverança, que é onipotente porque sua fonte é a própria Onipotência.

Tal é, pois, a Senda que vós e eu vamos estudar não pelo mero interesse do que é em verdade um assunto fascinador — que encanta, sim, ao menos da parte de quem vos fala, e eu espero que também da parte de alguns, quando menos dos que me ouvem. É um estudo que nos leva a mudar da vida.

É um estudo que nos leva à resolução de trilhar a Senda, de conhece-la, não apenas teoricamente, mas, para realização prática, e para entender algo dos Mistérios ocultos pelos quais o homem, sempre potencialmente divino, realiza sua divindade interna e chega a ser perfeito para elevar-se e marcha na vanguarda da Humanidade.

Tal é o objetivo do nosso estudo, e com o fim de que seja prático, devemos aceitar, ao menos por agora, a existência de certos grandes fatos da Natureza. Não digo que nosso homem do mundo, ao dar seus primeiros

passos para a Senda, necessite conhecer ou reconhecer estes fatos. Os fatos da Natureza não mudam nem com a nossa crença ou descrença. Esses fatos, quer os conheçamos ou não, continuam sendo fatos, e desde que nos achamos aqui no reino da Natureza, e sob a ordem da lei, o conhecimento dos fatos e o conhecimento da lei não são essenciais para os passos que conduzem o homem à Senda. Basta que os fatos estejam ali, e que o homem, inconscientemente, permita que estes fatos influam em sua vida interior e exterior; basta que as leis existam, mesmo quando o homem não tenha conhecimento de sua existência.

A luz solar não deixa de nos aquecer por não conhecermos nada da constituição do sol. O fogo não deixa de nos queimar porque desconhecendo sua ignescência, introduzamos a mão em sua chama. É para a segurança da vida e progresso humanos que as leis da Natureza estão sempre operando e conduzindo-nos com elas, quer as conheçamos ou não. Mas, se as conhecemos, obtemos uma grande vantagem.

Se as conhecemos, podemos cooperar com elas; porém não podemos cooperar enquanto estivermos escondidos na obscuridade da ignorância. Se conhecemos os fatos, podemos utilizá-los, porém isto não podemos fazer se desconhecemos sua existência.

Conhecer é a diferença que há entre trabalhar na obscuridade e trabalhar na luz, e entender as leis da Natureza é ganhar o poder de acelerar sua evolução, utilizando todas as leis que abreviam nosso crescimento e evitando a interferência daquelas que podem retardá-lo.

Bem, um dos grandes fatos que envolvem a inteira possibilidade de uma Senda da perfeição humana e que eu devo dar como admitido durante estas conferências — pois o tomá-lo como tema para discussão nos levaria muito longe de nosso objetivo — é um fato fundamental da Natureza: o fato da reencarnação. Esta significa o crescimento gradual do homem através de

muitas vidas, através de muitas experiências neste mundo intermediário, e também no mundo chamado céu.

Uma vida só seria demasiada breve para pôr o homem em condições de avançar da imperfeição à perfeição, a menos que tivesse muitas oportunidades ao longo do extenso caminho que o conduz às alturas. E nosso homem do mundo, que quer dar os primeiros passos, que está pronto para dá-los, deve ter atrás de si um longo curso de evolução humana, no qual tenha aprendido a escolher o bem e a rejeitar o mal, no qual sua mente tenha evoluído e se adestrado, e seu caráter tenha sido elevado desde o estado de ignorância e imoralidade até o ponto em que se encontra hoje o homem civilizado.

O fato da reencarnação está, pois, pressuposto, porque a ninguém seria possível trilhar a totalidade da Senda ou conhecer a perfeição divina, nos limites de uma só vida. Mas nosso homem do mundo não necessita conhecer a reencarnação; ele a Conhece em sua memória espiritual, por mais que seu cérebro físico não possa ainda tê-la reconhecido; e o seu passado, que é um fato, o impulsionará para diante até que o espírito e o cérebro estejam em plena comunicação e o que seja conhecido pelo homem interno chegue a ser conhecido pela mente concreta.

O próximo grande fato necessário e dado por admitido pode ver-se numa só de nossas Escrituras: *“Aquilo que o homem semear, isso também colherá”*. Esta é a lei da causalidade, a **lei de ação e reação**, pela qual a Natureza traz inevitavelmente ao homem os resultados daquilo que pensou, que desejou e que executou.

O fato é que existe uma Senda e que outros homens a têm trilhado antes de nós; que é possível uma evolução mais rápida; que suas leis podem ser conhecidas, suas condições compreendidas, seus degraus pisados, e que

no final desta Senda se encontram Aqueles que já foram homens do mundo, porém agora são os Guardiães desse mesmo mundo, os Irmãos maiores de nossa raça, os Mestres e os Profetas do passado, ascendendo por graus de cada vez mais deslumbrante luz desde o final da Senda para o homem até o mais alto governo do astro sob que vivemos.

Pobre seria nossa esperança se ninguém antes de nós tivesse pousado os pés nesse caminho, se ninguém tivesse percorrido a Senda. Mas aqueles que no passado vieram como Instrutores tinham já realizado no passado sua admirável peregrinação; aqueles que hoje honramos como Mestres e que se acham em contato com o nosso mundo, onde podem achar discípulos e guiá-los em sua marcha pela Senda.

Os grandes fatos existentes na Natureza, sejam ou não reconhecidos, nos quais existe a possibilidade de trilhar a senda, são: a **Reencarnação**, a **lei do Carma**, a **existência da Senda** e a **existência dos Mestres**. Esses são os quatro fatos que devemos deixar pressupostos, não porque não possam ser demonstrados um após outro, senão para os fins destas conferências.

Damo-los por admitidos, porque sem eles estas conferências seriam impossíveis. Que passos tem, pois, que dar o nosso homem do mundo, ou que passos está dando, se realmente está se aproximando da entrada no princípio da Senda?

Já disse que o que ele precisa conhecer são as quatro grandes verdades que já mencionei; não precisa entendê-las nem as reconhecer. Isto é a parte do lado feliz deste assunto, ao qual devem estar — mais ainda, estarão — submetidos muitos de vós que ainda não conhecem a verdade destas coisas, porém que, não obstante, no curso da evolução avançam até a entrada na Senda. E por mais que no futuro a conheçam mais plenamente, ainda que inconscientemente, nem por isso a evolução deixa de ser um fato.

E o que eu desejo esta manhã é mostrar esses passos para que possais considerar vossas próprias vida e cada qual decidir por si próprio se seu rosto está ou não voltado para a direção da Senda, pois há muitos entre vós que vão diretos para ela, embora não o saibam, enquanto que há alguns que, tendo estudado e entendido, se encontram deliberadamente desviando o rosto dessa direção.

Mudar vossa evolução de inconsciente em consciente, pôr-vos em condições de conhecer-vos a vós mesmos e o lugar onde vos encontrais, tal é o tema da primeira destas conferências, de tal modo que aqueles de vós que creem na Senda, possam saber como viver, e que os que, sem o saber, estão se aproximando dela, possam obter facilmente sua recompensa.

O primeiro passo de todos, absolutamente necessário, sem o qual não é possível nenhuma aproximação e pelo que o aperfeiçoamento interno pode sempre alcançar realização, pode ser condensado nestas breves palavras: o *Serviço do Homem*.

Eis aí a primeira condição, *sine qua non*. Pelo egoísmo, nenhum progresso é possível; pelo altruísmo, o progresso é seguro. E em qualquer vida em que o homem comece a pensar no bem comum mais do que no seu próprio, seja que se aplique ao serviço de sua cidade, de seu departamento, da nação, da mais ampla de todas as nações a um só tempo, resolutamente ao serviço da Humanidade, cada um destes objetivos constitui um passo para a Senda e prepara o homem para nela se firmar.

Não há aqui distinção entre as espécies de serviço, desde que seja altruísta, firme e movido pelo ideal de ajudar e de servir. Pode ser puramente intelectual, o trabalho do escritor, cuidando de difundir entre os outros o conhecimento que obteve, afim de que o mundo possa ser um

pouco mais prudente, um pouco mais inteligente, de acordo com o que aquele homem tenha vivido e escrito. Pode ser pelo serviço da Arte, no qual o músico, o pintor, o escultor arquiteto manifestam seu ideal de tornar o mundo um pouco melhor e mais formoso, a vida algo mais doce, mais cheia de graça e de cultura para a Humanidade.

Pode ser pela via do Serviço Social, quando o homem, movido de simpatia para com a pobreza, para com o sofrimento, dedica sua vida na obra de auxílio, esforça-se por modificar a constituição da sociedade onde ela necessita de reforma, procura modificar os costumes e processos usuais vindos do passado; úteis então, tornaram-se um anacronismo presente, e constituem um impedimento para o progresso melhor que a humanidade conseguiria atualmente rodeando-se de ambiente mais nobre.

Pode ser ao longo do caminho do Trabalho Político, em que a vida interna e externa da nação é o objetivo de serviço. Pode ser pelo caminho, da Saúde, em que o médico procura levar a saúde ao lugar da moléstia e preparar boas condições para o corpo, afim de que este possa desfrutar de mais saúde e longevidade do que o seria de outro modo.

Não posso enumerar-vos uma por uma as numerosas divisões da Senda do Serviço.

Nessa Senda se inclui tudo quanto possa ser de valor para a vida do homem. Escolhei, pois, que caminho preferis, conforme as vossas capacidades e oportunidades; isto não tem grande importância em relação aos primeiros passos. Comércio, indústria, tudo o que é usual para o homem, produção, distribuição, tudo isso representa serviço para a Humanidade e provê suas necessidades,

Direis que cada qual está ocupado em uma ou outra destas coisas, que mencionei, ou tem uma ocupação análoga na vida, isso é verdade, porque o

caminho que leva à Senda se assenta na vida humana, e nada existe necessário ao desenvolvimento e evolução dessa vida, que não possa converter-se em um passo para a Senda. A dificuldade se estriba nas condições do mundo.

Verdadeiramente, os homens seguem todas estas vias e muitas mais. Eles produzem, distribuem e tomam parte na indústria e no comércio; são escritores, artistas, políticos, reformadores sociais, médicos, o que quiserdes, porém com que objetivo e movidos por que motivo? Eis aí a diferença entre o homem que segue o curso ordinário da evolução, avançando por seu trabalho ou seu estado, e o homem que avança, porém que o faz com o objetivo de ser útil e não por cansa do êxito pessoal; com o fim de elevar a Humanidade um pouco mais, e não somente por ganhar para sua subsistência. Não falo com nenhuma ideia de rebaixamento ou desprezo daqueles que trabalham apenas com objetivos comumente mundanos.

Esta é uma parte necessária à evolução. Como desenvolveria o homem a sua mente, como refrearia suas emoções, como se desenvolveria mesmo fisicamente, se não experimentasse os caminhos do mundo e não se esforçasse por alcançar êxito neles?

Está bem que os homens trabalhem pelo fruto de suas ações; que lutem para consegui-lo; que sejam ambiciosos; que se afaçam pelo poder e altos postos, pela fama, honras e renome. Brinquedos infantis! Sim, são brinquedos, mas brinquedos com os quais as crianças aprendem a andar; os prêmios da escola da vida, pelos quais as crianças são estimuladas ao esforço; as láureas da luta da vida, pelas quais se desenvolvem a energias e as futuras possibilidades. Não desprezeis a massa comum do mundo, na qual os homens se esforçam e lutam cometendo muitos erros, desatinos, muitos pecados e mesmo crimes, pois tudo isso são lições da escola da vida, são estágios pelos quais cada homem tem de passar.

Assim como a furiosa luta no mundo do bruto desenvolve a força e a astúcia e o poder para defender a vida, assim as lutas impetuosas entre os homens desenvolvem o poder da vontade, o poder da mente, o poder da emoção, e até o poder dos músculos e nervos. No mundo que procede dá infinita sabedoria e o infinito amor, não há lição na vida que não tenha seu objetivo, e em todos os prêmios do mundo — chamai-os brinquedos do mais alto ponto de vista, pois podeis assim chamá-los — em todos os frutos da ação que na vida mais elevada se vos pede que renunciéis, e que deixéis de um lado, em cada um deles Deus está oculto; em cada um deles Sua atração é o único poder que seduz, e ainda que se rompam em pedaços quando vos apegais a eles, ainda que a ambição se transforme em cinzas depois de satisfeita, ainda que a riqueza se converta num fardo depois de conseguida, ainda que o prazer se torne enfado depois que se tenha enchido o cálice do mesmo, sempre a mudança é outra lição. A lição que deveis recordar foi esquisitamente tratada pelo poeta cristão **George Herbert**:

*Quando Deus fez o primeiro homem,
tendo um vaso cheio de bens ante si,
“derramemos —, disse —, tudo o que nele pudermos;
concentremos nele todas as riquezas
que se acham esparsas pelo mundo”.*

*O poder foi o primeiro que saiu;
seguir-se logo a beleza, a sabedoria, a honra, o prazer.
Quando quase tudo estava feito, Deus se deteve,
ao perceber que, de todo o seu tesouro,
só a tranquilidade ficava no fundo do vaso.*

*“Se eu chegasse — disse, — a conceder esta joia à minha criatura,
adoraria as minhas dádivas e não a Mim,
e a elas na Natureza, não a Deus na Natureza,
com o que perderíamos ambos.*

*Deixemo-lo gozar dos demais,
porém que desfrute com descontentamento e inquietude;
deixemo-lo ser rico, enfastiar-se, que ao final,
se não o impulsiona o bem, já o enfado
o levará junto ao meu coração”.*

Esta é a grande verdade do que é ao mesmo tempo valioso e desprezível na vida humana; valioso, porque desenvolve as faculdades sem as quais não há progresso possível; desprezível, porque tudo nela se rompe em fragmentos e deixa as mãos vazias até que estas, por fim, se agarram aos pés do Senhor.

Aí está, pois, o valor da vida comum, e o nosso homem do mundo começou a reconhecer que não é em buscar o prazer, as honras e as riquezas para si próprio que se encontra uma satisfação permanente, e sim, no serviço aos seus semelhantes, na ajuda aos miseráveis, em ensinar os ignorantes, em levantar os oprimidos, em aliviar as tristezas dos desvalidos.

Muitos existem entre vós hoje que possuem riqueza e conforto, cujos corações estão aflitos pelas tristezas do mundo, e, que, no entanto, podem permanecer em seu conforto, em seu luxo, enquanto que outros se encontram morrendo de fome, miseráveis, oprimidos sob a carga da vida.

Oh! O despertar da consciência social entre nós, o reconhecimento do dever social, da responsabilidade social, é o mais nobre sinal da evolução do homem, unia prova da vinda da nova raça, que mostrará simpatia em vez de indiferença, cooperação em vez de competição, como norma para a vida externa do homem. E à medida que isto cresça e se estenda mais e mais, os homens do mundo darão estes passos antecipadamente.

Porém deve ser com um impulso vigoroso, não como o passageiro sentimento de compaixão que vos leva a desprender-vos

do supérflua, afim de dar a uma boa causa ou a alguma família desgraçada aquilo que nunca haveis de necessitar, e não prescindis de certos luxos do que tendes para que outros atendam às necessidades da vida. Muito mais do que isso se pede de vós, os que vos dirigis para a entrada na Senda!

Deveis dar-vos a vós mesmos e não o que possuis, pois nisto há imensa diferença. Deveis sentir a tristeza dos outros como sentis a vossa própria dor, deveis sentir a dor dos demais como a sentis quando ela retalha vosso coração. Deveis sentir-vos aguilhoados por um irresistível e intenso desejo de ação, que vos impulsione ao longo da Senda do Serviço, de modo que não possais recusar nem vos negar a segui-la. Entre vós encontrais os que são assim: seres que não descansam. Isso não é *fazer sacrificios*; está muito aquém deles.

As coisas que o mundo chama *sacrificios* constituem suas delícias; eles gozam dando-se a si mesmos; é apenas um sacrifício no sentido de que a vida espiritual está sendo consagrada aos demais; porém isto é gozo, não tristeza; delícia, não sofrimento; é espontaneidade, quase como uma necessidade da vida.

É neles que se encontra esta paixão por servir; que vedes essa complacência de renunciar a tudo para que outros possam ser mais felizes; que vedes pessoas pensando sempre no que podem fazer para ajudar ou o que podem achar para servir os que estão próximos deles, aos quais possam prestar ajuda, seja no círculo familiar, seja no mais amplo da vida pública. Mas deve ser constante e resoluto o propósito de ceder o que se possa em proveito dos demais. Neles tendes o espírito interno, que só vive para dar-se e que encontra a sua satisfação no Serviço do homem.

Aí se encontra, pois, o primeiro grande passo. Quem quer que vejais

fazendo isso está se aproximando da Senda, por mais que desta nunca tenha ouvido falar. Está se encaminhando para os Mestres, embora não saiba que existem. Há ainda alguns que estão no crepúsculo da incredulidade na vida espiritual, e se acham mais próximos da entrada na Senda do que muitos que se chamam religiosos; isto é, que conhecem teoria da religião, porém não a seguem na prática.

E aí vedes uma coisa verdadeiramente meritória do ensinamento que oferece a análise de uma fase do materialismo que nele não há absolutamente recompensa, não se fala de gozos no céu, não se fala de que *“quem tem piedade do pobre empresta ao Senhor, e que àquele que empresta lhe será pago”*.

O incrédulo altruísta se sacrifica pelo homem sem esperar recompensa das riquezas que prodigaliza, e nisto ele alcança a perfeição do sacrifício do amor a si mesmo, que muitos fervorosos cristãos, budistas e hindus os invejariam por sua profunda realização de vida verdadeira.

Há um velho amigo meu, chamado **Charles Bradlaugh**, falecido por volta de 1891, que os mais idosos entre vós conheceram. Aí tendes um homem que jamais crera na vida depois da morte, e que, ao morrer, conservou a ideia de que para ele a morte era o fim de tudo; que nada restava a não ser qualquer obra que ele houvesse feito aos homens. E não conheço afirmação mais espiritual — ateu agressivo como ele era — do que uma passagem por ele proferida ao falar da cidadela da liberdade e felicidade humanas, que esperava que a humanidade pudesse alcançar no futuro, embora cresse que nunca o veria para si.

“Basta-me — disse ele —, que meu corpo, tombando no fosso que veda a humanidade de atingir o seu futuro, funcione como uma ponte sobre a qual outros possam caminhar para a felicidade que eu nunca verei”. O homem que podia dizer tais palavras, com a

profundeza de convicção que caracterizava tudo quanto vinha de si, era alguém que estava dando os primeiros passos para a Senda que, em outra vida, ele mais seguramente encontrará.

Aprendeis, pois, que o serviço que se pede é aquele altruísmo que tudo dá e nada pede em troca. E se notais que em vós esse serviço é uma necessidade de vossa natureza, não uma escolha, mas um irresistível impulso, podeis estar seguro de que sois um dos homens do mundo que dão os primeiros passos para a Senda. “*Preciso dizer em alta voz que quando digo “**homens**” quero dizer também “**mulheres**”, pois não seria fácil dizer cada vez “o homem e a mulher”.*

Tomai, pois, este como o primeiro passo e o mais vital. Há um outro que vos surpreenderá como estranho e, no entanto, é verdadeiro. O homem que chega a ser possuído por um ideal de tal maneira que nenhum argumento nem proveito pessoal, nenhuma das razões que comumente influenciam os homens, possa desviá-lo de seguir o seu ideal, esse homem está perto da Senda.

O grande psicólogo hindu **Patañjali**, autor de certos axiomas de Ioga, descreveu nestes, as etapas da vida do homem através das quais passa a mente humana. Dizia que há o *estado da mariposa*, que é o estado da mente infantil que revoluteia de uma coisa para outra, como a mariposa sobre as flores, tomando um pouco de mel aqui e outro ali, sempre mudando os objetos que o rodeiam, buscando prazer e diversão, delícias por toda a parte. *A mente-mariposa, dizia, está longe da Ioga.*

Assim é também a *mente jovem* como ele a considera, a mente que é impulsiva sob o influxo das emoções, atirando-se por toda a parte, como se estivesse tão pronto possuída por uma ideia como por outra. É mais fixa que a mente-mariposa, porém varia sempre de direção, embora submetendo-se

com o tempo. *Esta, dizia ele, também está longe da Ioga.*

Existe ainda o estado em que a mente chega a ficar possuída por uma ideia, obcecada se quiserdes, porém, estando o seu dono tão amarrado e sujeito a ela, que nada pode afastá-lo, segundo a lei natural. O possuidor dessa mente *está próximo a entrar na Senda.*

Não nos esqueçamos de que a ideia fixa pode ser a ideia fixa do alienado, mas então é um falso ideal, não verdadeiro. Estaria em discordância com as leis da Natureza, não estaria em acordo nem harmonia com a lei da evolução, que é a lei do progresso,

Mas, estudando o maníaco com sua ideia fixa, podemos extrair alguma luz quanto ao que significa um homem possuído por seu ideal. Vemos isto nos apaixonados, nos heróis e nos mártires.

Quando um homem age como **Arnold Winkelried**, que se atirou sobre as lanças do inimigo, colheu quantas pôde em seus braços e voltou suas pontas contra seu próprio peito para que se abrisse uma brecha nas fileiras contrárias através da qual pudessem passar seus camaradas, enquanto ele ficava exangue no solo; esse homem está possuído da ideia de ajudar o seu país.

E quando se trata de sua liberdade, o amor à vida e o temor ao sofrimento, que tanto influem no: homem comum, já não têm poder para mudá-lo. Assim, é o mártir o homem que prefere morrer a dizer que o que crê é uma mentira. Para isso não importa se ele está com a verdade ou com o erro. Muitos homens têm sido martirizados pelo que eles creram ser o certo, porém que era errôneo. Isto não importa no que concerne à posse da verdade.

Quando um homem crê tanto em determinada coisa que lhe é mais

fácil morrer do que negar sua verdade, esse homem merece o título de mártir e a coroa do martírio é um reconhecimento posterior da verdade. *O que importa é a atitude do homem.*

Existe presentemente grande número de pessoas que estão se expondo e perdendo a sua liberdade, lutando pela igualdade da mulher, na política e no direito. Não importa se terão êxito ou não. Estas questões não afetam ao caráter, a vida que se baseia no heroico sacrifício. O que quero dizer é que do **ponto de vista oculto**, a ação externa é como a casca que se rompe e se atira fora, encontrando-se dentro, o *fruto da nobreza de caráter*, o heroísmo e o valor, e até a própria devoção.

Quando encontramos pessoas tão possuídas de uma ideia, que nenhum argumento do mundo pode separá-la delas, eu creio, por uma lei oculta conhecida por muitos de nós como verdadeira, que essas pessoas estão no portal da Senda, porque os erros do cérebro podem ser corrigidos rapidamente, quase num momento, porém os fundamentos do heroísmo, devoção e autossacrifício é o resultado de muitas vidas de vigoroso esforço.

É desse modo que o Ocultismo julga todas estas coisas do mundo. A ação externa é produto de algum pensamento passado, de alguma passada emoção: o motivo da ação é tudo o que interessa. Assim, ao observar o mundo, não julgamos a **dignidade** de um homem pelos seus atos, mas por **seus pensamentos, sua vontade, sua emoção**. São estas as coisas que perduram; as ações passam rapidamente.

Recordai, portanto, que o mais importante é analisardes mais os vossos motivos do que os vossos atos. Executai vossas ações tão sabiamente quanto puderdes; usai vossos melhores pensamentos e vossos melhores propósitos para julgar o que é justo; antes de fazê-lo, porém, cuidai que os

olhos que examinam não atendem para o rosto externo e sim para o coração do homem, e assim fareis do mundo um juízo melhor e mais correto.

Entregai-vos totalmente ao serviço dos outros, sem reservas; ajudai, onde for possível fazê-lo, trabalhai onde quer que apareça uma oportunidade; consagrai-vos a algum grande ideal; segui-o através da névoa ou da luz do sol; prossegui tanto na tempestade como na calma.

E quando as vidas que tiverdes deixado para atrás, chegarem a florescer nesta com todas as flores de serviço, de heroísmo, de devoção, então, homens do mundo como vós sois, desconhecendo as causas de que já falamos, nada sabendo da existência dos Mestres, das glórias do mundo oculto, estareis começando a dar os primeiros passos que vos conduzirão ao começo do caminho da Senda, o que inevitavelmente vos levará a buscar o Mestre, se bem que Ele vos encontrará muito antes de que comeceis a buscá-Lo.

Embora a busca seja necessária neste baixo mundo, embora o acordo entre o cérebro e o coração seja aqui preciso e deva ser dirigido à busca daquilo que o discípulo deseja ser, compreendei, para vosso auxílio, que o Mestre está ao vosso lado muito antes mesmo de O buscardes; que o Mestre está vigilante e sempre observando com os vossos olhos. E quando pensais que estais sozinhos servindo o homem; quando pensais que estais sozinhos ajudando os debaixo, os miseráveis, os ignorantes, os que sofrem, no mais elevado serviço aparece o juízo dos Grandes Seres e é proferida a sua sentença, mesmo sem o saberdes: *Em verdade vos digo que, quanto fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.*

Capítulo II.

Buscando o Mestre

Os Sufis, místicos do Islã, têm um excelente provérbio no que se refere à Busca do Mestre, que é o nosso tema de hoje: “*Os caminhos para Deus são tantos quanto os suspiros dos homens*”. Isto é certo. São muitos os diferentes temperamentos dos homens, muito diversas as suas necessidades, e os pedidos dos corações humanos variam tanto como as alegrias que desejam.

Se olharmos para os numerosos caminhos, essas diversas pesquisas em busca da verdadeira vida, da vida espiritual para achar o Mestre que representa esta Vida, encontramos que os buscadores estão praticamente classificados em três grandes divisões, e ao longo de uma ou duas destas vemos como começam a comprovar o fato que buscam.

Uns são movidos por um ardente desejo de conhecimento, pelo anseio de compreender, devido à impossibilidade da felicidade intelectual para eles enquanto o mundo continuar sendo um indecifrável quebra-cabeças, ao mesmo tempo que os problemas da vida permanecem irrespondidos e aparentemente irrespondíveis.

Uma outra numerosa classe empreende a busca por meio de um intenso amor a uma pessoa que simboliza um ideal, por lealdade e devoção a um líder, a um caudilho, no qual vê representados os seus maiores desejos a realizar na vida. Uma terceira classe, grande, sente despertar esse desejo à vista da irresistível dor do mundo, dos terríveis

sofrimentos que oprimem tantos da nossa raça; por uma resoluta determinação de modificar tudo o que seja modificável; por repelir a crença de que exista algum sofrimento que o homem não possa remediar por meio da aplicação do pensamento, do amor, da atividade.

Os que são impulsionados a empreender a busca ante o efeito das tristezas do mundo, formam um elemento um tanto rebelde no grande grupo dos que se ocupam da busca em seu aspecto mais elevado.

Esta Senda talvez me seja a. mais familiar, porque foi nela que vi e encontrei. E aquilo que alguém experimentou, e percorreu, permanece-lhe sempre o mais real, o mais plano, o mais fácil de expor aos outros.

No passado eu me introduzia e permanecia em vielas desta vasta Londres, quando soava a hora de deixarem o trabalho e os palácios do *Gin* vomitavam sua onda de bêbados — miserável humanidade.

Os homens, violentos, enfurecidos e amaldiçoando; as mulheres, sujas e miseráveis, estreitando ao seu peito criaturas já envenenadas pela maldita bebida. Eu costumava entrar nos infernos dos suarentos, onde miseráveis homens e mais miseráveis mulheres pugnavam pelo direito de morrer de fome, pois aquilo não podia chamar-se viver.

Eu ouvia da boca dos homens a triste demonstração de que economicamente os salários das mulheres eram inferiores aos dos homens com a desculpa de que “*Não podemos viver disto*”, fazendo referência ao último recurso de que ninguém podia privar a mulher de vender-se a si mesma em troca do pão.

Pisando lama e imundícies, assisti a reuniões de meia-noite de condutores de carros, a única hora em que podiam encontrar-se e

consultarem-se mutuamente sobre algum remédio para melhorar suas vidas tão mesquinhas.

E de tudo aquilo nasceu a realização de um vivo sofrimento humano e de um grande desejo de encontrar um meio de curá-lo, e finalmente até o desprezo pelas fadigas humanas, e senti que sobre tanta miséria era impossível edificar-se uma melhor estrutura social, e buscava algum possível caminho de redenção.

Por qualquer destes caminhos o homem pode ascender até Deus, e isto foi dito numa escritura oriental: *“Por qualquer caminho que o homem se aproxime de Mim, Eu lhe dou a bênção”*. No século XIX, especialmente no seu final, vemos aparecer entre os poetas a atitude daqueles que buscam de algum modo remediar a aflição do mundo. Encontramos o robusto e festivo otimismo de **Robert Browning**, que canta: *“Deus está em seu céu; tudo vai bem no mundo”*, esquecendo-se, segundo parece a alguns de nós, de que Deus não está somente no céu, e sim, que é preciso encontrá-lo no inferno das misérias humanas.

As palavras do antigo salmista judeu nos dá uma maior esperança quando declara: *“Se ascendo ao céu, Tu estás ali; porém se faço meu leito no inferno, olho, e ali Tu também estás”*. A ideia de que a responsabilidade de tudo está em Deus, tende à indolência e se transforma em mal.

Porém, de outro lado, não devemos esquecer que existem milhares de homens e mulheres pertencentes a várias organizações de caridade para ajuda aos pobres desamparados, que ali encontram uma fonte de consolo e inspiração.

Muitas vezes não se pode deixar de admirar o esplendor da fé, contrariando todo o raciocínio que vem das insondáveis profundidades do coração humano; que crê e trabalha contra toda a dificuldade; que crê em

um Deus de Amor, mesmo onde o mundo apresenta testemunhos contrários.

Porém há também uma classe que não aceita este ponto de vista, que eu chamo de robusto e festivo otimismo, e sim, um outro mais nobre, como é o expresso por **Tennyson** em seu famoso *In Memoriam*, o ponto de vista da esperança, contra toda aparência externa, e que se resigna com a ignorância como a sorte inevitável do homem. Recordareis como proclama o que parece ser sua própria posição, e que talvez o tivesse estimulado levemente a buscar o Mestre:

*Oh! Confiemos, contudo, em que algo bom
Será o resultado final do mal:
Até os espinhos da natureza, os pecados voluntários,
Defeitos de dúvidas e manchas de sangue;*

*Que nada sucede sem objetivo,
Que nenhuma vida será destruída
Ou jogada como escória no vazio,
Quando Deus vier a completar o lote;*

*Que nem um verme é criado em vão,
Nem uma mariposa é com frívolo desejo
Queimada numa estéril chama,
Ou apenas em proveito de outrem.*

*Olha que nada sabemos;
Só podemos esperar que o bem virá
No final, bem remoto, mas, enfim, para todos,
E cada inverno terá a sua primavera.*

Mas não são todos que podem permanecer satisfeitos com esta esperança, contentando-se em dizer: “*Não podemos saber*”. Tratando-se de naturezas violentas, tal como era a minha à vista da miséria que reinava nos dias a. que alude, as palavras mais apaixonadas de **Myers** parecem

expressar a melhor atitude para com a vida:

*Não fosse assim, Ó Rei da minha salvação!
Muitos, incluso e Te maldiriam,
Te devolveriam Tua bênção e zombariam de Tua condenação,
Escarneceriam e aborreceriam o nascer de Teu sol,

Te saudariam com uma gargalhada de escárnio,
Enlouquecidos pelas angústias que tanto tempo viste;
Duvidariam se alguma recompensa posterior
Correspondesse à expiação do irremediável erro.*

Este é um dos caminhos pelo qual o homem desperta para que possa realmente buscar, pois existem caracteres que, muito desesperançados de auxílio externo, tomam sobre si o cuidado de buscar o que possa converter-se em auxílio; que, dizem, acaso com desespero, porém não de todo desesperados: “*Não há outro Deus, ó, filho! Se tu nada és*”; que realizam a beleza das palavras de **William Kiogdon Clifford**: “*Diz-se: Comamos e bebamos, que amanhã morreremos. Digamos antes: Deitemos mão e ajudemos, pois hoje estamos vivos e juntos*”. Isto inspirará uma busca que estimulará ao esforço. Os músculos mentais estarão dispostos para lutar e conseguir o fim.

Aqueles que por algum destes caminhos alcançaram o ponto donde percebem que devem conhecer ou perecer; onde sentem que devem encontrar um ideal perfeito ou perder de todo o ânimo para viver; onde advertem que devem encontrar um remédio e não apenas um alívio para o sofrimento humano.

Aqueles que chegaram ao ponto em que algo virá em seu caminho para estimular uma resoluta busca do Mestre: algum incidente de aparente insignificância, que nem remotamente lhes fala do que vão buscar. Uma vez é um livro tomado ao acaso da mesa

de um amigo enquanto se espera a sua chegada; um livro, por exemplo, como *O Mundo Oculto* do Sr. Sinnett, ou qualquer dos livros de alta filosofia esotérica que tão amplamente estão espelhados no presente.

E abrindo e passando e repassando suas folhas, descuidadamente são atraídos e principiam a ler; continuam estudando e começam a aprender. Às vezes uma conferência ouvida inesperadamente por um homem que apenas se propunha passar alguns momentos de ócio; às vezes um quadro com as sugestivas pinturas de um: grande artista. Outras vezes, quando as circunstâncias não permitam ler um livro, ouvir uma conferência ou falar com alguns amigos sobre este grande problema, pode vir, como ocorreu a mim, não por meio de um quadro, de uma conferência ou de um livro, e sim, por meio uma voz que parecia sair de dentro de mim mesma; tão clara, ou mais, que a minha própria voz, e à qual, sem pensar, respondi num tom como se falasse a alguém igual a mim.

Eu me encontrava numa oficina da City, naquele estranho silêncio que reina na City quando chega o refluxo de toda aquela maré humana recolhida aos subúrbios, e percebe-se aquela estranha solidão que ali tem lugar só nas tranquilas horas da noite. E na Voz havia algo que me pareceu um tanto severa, clara, firme e precisa: “*Queres abandonar tudo para poderes conhecer a verdade*”. Eu, sem vacilar, respondi: “*seguramente isto é o que necessito*”.

“Mas — replicou, insistente — “*não existe algo que te retenha atrás? Queres deixar tudo*”? Respondi novamente: “*Nada existe que eu não abandone, se posso aprender*”.

Então a Voz mudou numa espécie de música que parecia cheia de sorrisos e benevolente compaixão: “*Dentro de mui breve a luz brotará dentro de ti*”.

O silêncio renasceu depois, e eu fiquei maravilhada do que tinha ocorrido. Dentro de quinze dias, porém, houve um estranho acontecimento. ***A Doutrina Secreta*** de **Madame Blavatsky** me foi posta nas mãos pelo **S. Stead**, então editor de *Pall Mall Gazette*, com o pedido de que eu a revisse, pois estava fora da linha de conhecimentos de jovens escritores.

Levei para casa os dois grandes volumes e me sentei para lê-los, e os li e reli, hora após hora, e assim permaneci até o amanhecer. E conheci aquilo em cuja investigação eu passara em vão muitos e longos anos, isto é, uns vinte e três anos.

Desde essa época até a hora em que isto aconteceu, a luz havia brotado, como sempre brota na senda da investigação, tanto antes como depois de a encontrar, pois é uma verdade no século XX como antes, que: *“Aqueles que buscam, acharão, e aos que batem se lhes abrirá”*.

De sorte que, tanto era um como em outro caminho, o conhecimento vem, o conhecimento dos grandes fatos de que vos falei na semana passada: as leis da reencarnação e do carma, que explicam as condições das coisas de hoje, e que, aplicadas às de amanhã, podem remediar nossos males sociais dando tempo e meios para modificá-los.

O conhecimento não só resolve o presente como ajuda a criação de um futuro mais nobre, pois pode ser aplicado aos problemas de educação dos mais miseráveis e depravados; de criminologia, de governo, e escolher os métodos de mudança, segundo os objetivos que se proponham conseguir.

Ao que busca, mostra-se primeiro a teoria, dando-lhe a conhecer as verdades em que o mundo está baseado, e o conhecimento da lei lhe sugere os meios e possibilidades da mudança.

Em adição àquelas duas grandes verdades fundamentais, há outras

duas que já mencionei, ou sejam: o fato da existência da Senda e o da existência daqueles que a têm trilhado: os Mestres. Essas verdades respondem ao coração e à mente de quem busca com o desejo veemente não só de saber, mas também de servir de instrumento para ajudar o plano divino da evolução humana.

Eles dizem ao ardentíssimo buscador como pode palmilhar a Senda, como pode encontrar o Mestre, e, verdadeiramente, brota então a luz das trevas para que possa ver ante si os degraus que tem de subir para poder alcançar a Meta, embora esta se encontre ainda fora do alcance de sua visão. Quando a palavra soar, como diz uma antiga escritura hindu: *“Desperta-te, levanta-te, busca os Grandes Mestres e espera”* —, então surge de boca de quem busca, a alegre resposta: *“Já estou desperto e me ergui; busco os Mestres e não cessarei de buscá-los até que Os encontre”*.

Então, no conhecimento desenvolvido ante ele, a teoria completa da busca se acha manifesta; como o homem deve buscar, o que deve fazer, as condições que deve aceitar na busca e a segurança de que a lei recompensará ao buscador com um achado. Ele descobre em seu estudo que há uma ciência chamada Ciência da Ioga, como é denominada no Oriente —, pois *Ioga significa simplesmente união*. É a ciência da união à grande verdade que esta palavra representa; e ele vê então estender-se ante si o princípio da Senda e aprende as qualidades necessárias para palmilhá-lo.

Que é a Ioga? Não é nem mais nem menos que a aplicação ao indivíduo das leis da evolução da mente humana; o caminho no qual a mente humana evolui clara e definidamente sob a lei, e ensina como aplicar essa lei ao caso individual, de modo que se ative a evolução da mente e habilite o homem a fazer adiantar a sua raça, para que por este meio possa ajudá-la e ela por sua vez ative a sua evolução. Assim, Ioga significa a

aplicação desta lei, e a isso junta uma Disciplina de Vida.

Ora, essa Disciplina de Vida é necessária para os que querem aplicar em si mesmos as leis de uma evolução mais rápida, pois as leis comuns da natureza que nos envolvem, nos conduzem segundo a evolução comum, e se lhes aumentamos a pressão e a intensidade, precisamos fazer algo para fortalecer todas as partes nossas que estão sujeitas à pressão na evolução mais rápida que estamos determinados a seguir.

Essa é a razão para a Disciplina de Vida. Não é uma coisa arbitrária; não é, como pensam alguns, uma tentativa da parte dos Mestres para levantar obstáculos na estrada que conduz até Eles, obstáculos que as pessoas serão impotentes ou incapazes de superar.

É uma necessária salvaguarda do futuro discípulo contra os perigos de seu progresso mais rápido, por causa da grande pressão sobre o corpo e a mente que o progresso mais rápido implica.

E a não ser que possais compreender o senso comum disso, a não ser que admitais, como cabe a todo buscador do Mestre admitir, que ele está pedindo para fazer num breve espaço de tempo o que a sua raça levará centenas de milhares de anos para conseguir, e que, portanto, se não por outra razão, ele precisa preparar no presente um corpo não adestrado e uma mente destreinada para a enorme tarefa que está se propondo — a não ser que ele possa entender isso, é preferível não seguir além do ponto que já atingimos — e aprende o conhecimento primário e teórico das verdades fundamentais, os fatos da Senda e dos Mestres.

Quando da teoria passais à prática, quando do aprendizado, tal como poderíeis aprender qualquer ciência pelos compêndios, vos volveis, por assim dizer, para as experiências do laboratório e começais a manipular os elementos químicos, a formar as combinações, a fazer mesmo novas

pesquisas, então, como bem o sabeis, o estudante necessita de um guia, um instrutor, um assistente.

Do contrário, iniciando por vós mesmos o que a maioria deixa de lado, desconhecendo as condições, podeis prejudicar-vos, mutilar-vos, matar a vós mesmos, por estardes afrontando perigos que a grande maioria da raça deixa de lado.

Pois bem, a ciência da Ioga tem suas práticas e experiências próprias, e, portanto, tem seus peculiares perigos. Se acreditais ser possível a existência dessa ciência; se pelo estudo vos convenceis de que esta ciência existe, é pueril clamar contra as restrições que, como em todas as ciências, se impõem aos seus estudantes até que tenham aprendido e conheçam, e então poderão ir adiante como quiserem, porque o conhecimento justificou a sua independência.

Esta disciplina de vida, reconheço-o francamente, detém grande número de pessoas que dizem desejar começar as investigações que presentemente significam trilhar a Senda. Às vezes, o homem se ressent mais das restrições que afetam sua vida diária do que outras coisas mais impalpáveis, e, portanto, menos comprovadas para si.

Tomai, por exemplo, um costume muito comum, principalmente no mundo ocidental, e desgraçadamente introduzido no Oriente: o de tomar sob várias formas as bebidas alcoólicas.

Admito que para grande maioria dos homens e mulheres do mundo que seguem a vida comum e não são inclinados a cair em excessos, como vemos entre os menos cultos e menos intelectuais, pouco mal lhes faça o uso de raia pequena quantidade de licor. Admito que os homens possam fazer isto toda a vida, e mesmo as mulheres, sem graves prejuízos.

As pessoas que adotam a abstinência sem desejar seguir a Ioga, o fazem, provavelmente, porque percebem até onde conduz o excesso e comprovam que o exemplo é o melhor preceito. Veem que se prejudicariam algo, mas elas estão se prejudicando constantemente por hábitos insanos, e um mais ou um menos não é questão de vida ou de morte, embora possam encurtar sua vida ou abrir algum resquício capaz de dar entrada a alguma enfermidade.

Tudo isto é muito diferente quando se principia a prática que conduz ao Mestre, pois parte desta prática é o que se chama meditação concentrada, definida, pensando intensamente em uma determinada linha para estimular e desenvolver vossos órgãos, no presente rudimentares, os quais não se desenvolverão no homem comum, no corrente curso da evolução e durante um tempo considerável, se bem que admito que muitos entre nós estão justamente começando a desenvolvê-los. Pois bem: esses órgãos estão no cérebro físico; órgãos que os médicos têm ultimamente declarado serem peculiarmente suscetíveis de ser afetados pelo vapor do álcool — que para eles é um veneno e lhes impossibilita por completo o funcionamento.

Se começais deliberadamente a apressar a sua evolução desde as rudimentares e semirrudimentares condições em que até agora se encontram até a atividade pela qual esses órgãos se convertem na ponte entre os mundos físicos e astral, em virtude do que chegais a produzir certas vibrações às quais os outros cérebros não respondam normalmente; se acrescentais o fluxo de sangue aos órgãos que são literalmente as pontes de comunicação; se estimulais os pequenos vasos que os alimentam, provocareis o perigo de uma inflamação muito maior.

É loucura fazê-lo se esses órgãos se acham ainda sofrendo o mais leve envenenamento alcoólico, pois, se bem que se resiste sem muito dano, quando se deixa a sós esses órgãos, convertem-se em

uma fonte de atividade e de perigo sério, desde o momento em que são estimulados ao desenvolvimento; desde o momento em que se fixa a atenção neles para que possam crescer.

Daqui a razão da disciplina de vida para o estudo prático da Ioga, isto é, a supressão absoluta de toda espécie de licores espirituosos.

Outra exigência que se torna mais difícil ainda para muitos, e admito se torna penosa para aqueles que estão em contato frequente com o mundo, é o deixar a alimentação carnívora sob todas as formas. Esta não envenena como o álcool, mas tende lentamente a tornar o corpo mais grosseiro, e o objetivo do estudante de Ioga é possuir um corpo que seja bem forte, resistente, porém que ao mesmo tempo seja muito sensitivo e muito responsivo às vibrações dos mundos mais sutis de matéria e vida.

Tendes de conseguir isto com o vosso sistema nervoso e o vosso cérebro. Tendes que formá-los a propósito e essa formação depende da espécie de alimentação que tomais; e pondo de lado todas as questões de sentimento (*se bem que não devem ser postas de lado para os que quiserem buscar o Mestre da Compaixão*), e tomando em consideração somente os resultados físicos, à parte toda indiferença à dor e sofrimento dos animais, notareis que, embora vossos nervos e vossos cérebros estejam preparados, as vibrações de matéria mais sutil, acionando sobre eles — o que estais estimulando — tenderão a desorganizar a ambos e a expor-vos a desordens nervosas e a várias formas de histerismo. É um dever obrigatório fazer semelhante advertência.

Se quereis vê-la justificada, recordai-vos dos místicos e santos, cuja religião não lhes impôs uma estrita disciplina de vida. Encontrareis ali pensamentos e juízos desequilibrados, muito de emoção histérica misturada

com um esplêndido conhecimento profundo dos mundos chamados invisíveis, e uma maravilhosa responsividade aos poderes emanados dos seres de mundos mais elevados.

Isto é tão inconteste, tão incontestável, que alguns psicólogos o têm utilizado como prova de que em todas as religiões a visão superior é realmente uma forma de histerismo, e de que todos os grandes santos, profetas e mestres de religião, se tornam mais ou menos desequilibrados quando chegam a ser conscientes dos mundos invisíveis.

Bem sabeis até onde **Lombroso** chegou nisto; e muitos da sua escola vão até onde ele foi. Se quereis buscar sem perigos; se quereis conservar vosso equilíbrio e vosso sistema nervoso forte, são e saudável, deveis estar dispostos a pagar o preço que todos têm pago no passado e no presente, para que, quando afrontardes aquelas vibrações mais sutis, quando as deixardes atuar sobre o vosso cérebro e sistema nervoso, possais viver uma vida diferente da que governa os homens e mulheres do mundo, e possais prestar-vos a servir de instrumento para que se reproduzam prontamente as vibrações espirituais.

Por isso deveis utilizar praticamente a Ioga, afim de proteger uma aplicação das leis da mente à mais rápida evolução espiritual e à mais ampla disciplina da vida, aplicável por aqueles que praticam e não apenas estudam. Então o buscador percebe que existem certas e determinadas condições para palmilhar a primeira parte da Senda, a que os católicos romanos denominam Purgação e para os hindus e budistas é a Senda probatória ou preparatória.

Estas condições estão traçadas, plena e definitivamente, para que cada homem possa começar a praticá-las, e a sua prática, com algumas restrições que logo vos exporei, não precisa compreender a

disciplina de vida de que tenho falado, porque esta, como uma exceção, não leva a certa prática definida de meditação.

São quatro as condições exigidas: **Primeira**, o poder de discernir entre o ilusório e o real. Tratarei destes pontos mais amplamente logo adiante, porém é necessário fazê-lo agora sumariamente para mostrar-vos a linha da preparação. Deveis aprender a distinguir em cada coisa e em cada pessoa ao vosso redor, o elemento permanente e o não-permanente; entre o continente e o conteúdo, como se fosse entre o eterno e o transitório.

Esta é a primeira das condições, que conduz necessariamente à segunda, pois quando distinguís entre o passageiro e o duradouro, acabais tornando-vos indiferentes às coisas que são sempre mutáveis, enquanto que permaneceis solidamente fixos naquelas que reconheceis como permanentes. A **segunda** condição é a chamada tranquilidade de espírito ou perda de desejos, a ausência de desejos pelo passageiro e mutável, a concentração do desejo no eterno, naquilo que é. A **terceira** condição é formada das seis joias ou qualidades mentais que deveis adquirir: primeira, domínio da mente, que deveis poder fixar firmemente numa só coisa para extrair dela todo o conteúdo e usá-la como um instrumento na formação do caráter; porque vossa mente é, atentai bem, o único instrumento pelo qual podeis formar-vos e reformar-vos.

Como o malhete e o cinzel nas mãos do escultor, assim é a mente dominada e movida pela vontade. São o malhete e o cinzel nas mãos do homem que quer criar do tosco mármore da própria Natureza a imagem perfeita do divino, que ele busca dentro daquele mármore. Depois, o domínio da ação que é dirigido pela mente é a grande virtude da tolerância. Ninguém que seja fanático, de visão estreita, antiliberal, pode entrar na Senda que buscamos. Tolerância ampla, onipenetrante, é uma das

qualidades que significam muito mais do que supondes. Não forma seu espírito a frase: *“Oh! Sim, estais errado, mas podeis continuar vosso caminho”*. Isto não é real tolerância, mas antes, indiferença para com a felicidade alheia.

A tolerância ideal nasce do reconhecimento do espírito no coração daquele que conhece a sua própria Senda e a segue, reconhecendo, porém, em cada um a vontade do espírito que escolhe e não desejando nunca o forçar e nem mesmo obstruir o seu caminho. Deve oferecer algo que tenha de valor, porém nunca tratar ou violentar quem não queira aceitá-lo. Deve colocar ante a vista do outro o que crê ser verdadeiro, porém não sentir nem cólera, nem vexame, nem irritação, ele não o acha verdadeiro. Recordai-vos de que a verdade não é verdade para alguém enquanto não a veja e abrace por si mesmo, e que estamos formados de tal maneira, a nossa natureza interna é tão verdadeira, que no momento em que vemos a verdade, a abraçamos.

Não é com argumentação e sim com reconhecimento que o espírito no homem encontra a verdade sem véu, e enquanto a venda está nos olhos e não pode vê-la, para ele a verdade é apenas uma falsidade, porque sua natureza não a reconheceu como verdade. É isto o que significa tolerância, conservando a sua verdade, desejando dividi-la com os outros, mas sem impô-la nem atacar.

A **quarta** joia é a paciência, aquele forte poder capaz de manter-se sem perder a direção, de poder fazer frente a tudo na busca da verdade, sem jamais retroceder ante a dificuldade ou o perigo; que não conhece o desalento nem o desespero; que está certo de que a verdade pode ser encontrada e resolve buscá-la. Cada obstáculo o torna mais forte, cada luta fortalece seus músculos, cada derrota o faz levantar-se de novo e lutar pela

vitória.

O homem que deseja seguir a Senda mais elevada necessita paciência. Também necessita fé no Deus que está dentro de si; fé no Deus manifestado, no Mestre; fé na vida única da qual todos somos manifestações; fé inmovida e inmovível, isenta de toda dúvida possível. Depois vem o equilíbrio.

Diz o ***Bhagavad Gîtá***⁽²⁾ (a *Canção do Senhor*): “*Equilíbrio se chama Ioga*”. É ausência de excitação, ausência de paixão, transmutação de excitação e paixão na vontade dirigida diretamente para a Meta. É o poder de permanecer sereno enquanto tudo ao redor está agitado; o poder de permanecer sozinho onde outros desistiram ou desertaram. Esse perfeito equilíbrio é a sexta destas joias da mente.

A **quarta condição** é o desejo de libertar-se, a vontade de sentir-se livre para poder ajudar.

Não é necessário que estas joias sejam completamente adquiridas antes de se encontrar o Mestre; mas sem elas o encontro seria quase impossível. Tudo isto quer dizer que não essas as qualidades que deveis aspirar e tratar de construir em vosso caráter, e construireis melhor quando sabeis o que quereis. Estudamos melhor quando temos diante de nós o objeto que estudamos.

São ditados pelos Mestres como requisitos que devem desenvolver os que desejam encontrá-los e tornar-se seus discípulos. Desde o momento em que nos são conhecidas as qualidades, podemos começar a trabalhar nelas; desde o momento em que as vemos, devemos começar a desenvolvê-las, e só é necessário um pequeno desenvolvimento de cada uma, antes que a busca se converta num achado.

Podeis perguntar: como começar, como trabalhar nelas? Não por aquele vago desejo de ser melhor do que sois, que é tudo o que alguns parecem saber da imortal e invencível vontade que força a busca da Senda. O meio por excelência é a meditação, aliada à sua prática na vida. Não existem realmente outros meios, porque a meditação é pensamento concentrado, e o pensamento concentrado é, como acabo de dizer, vosso único instrumento para vos reformardes.

Meditação quer dizer que a vossa vontade por um tempo se afasta do mundo, não por muito tempo no princípio, porque é um esforço sobre o cérebro; cinco ou dez minutos pela manhã bastam para começar, e se o fizestes bem o achareis suficiente, porque estareis bastante cansados depois de decorridos os dez minutos. Durante esse tempo vos afastais do mundo exterior e vos isolais dele completamente; construíis uma espécie de muralha ao vosso redor, através da qual não podem penetrar os pensamentos, as esperanças e os temores do mundo externo.

Estais dentro de vós mesmos, no sacrário dos sacrários que há dentro de vós, e ali, no silêncio, vos sentis no recinto interno desta muralha para escutar a voz do Ego e esperar a entrada do homem superior em seu reino. E quando tiverdes construído vossa muralha e vos isolado do mundo externo, então reduzis vossa mente, sempre errante e conturbada, e a fixais numa só ideia.

Fixai-vos, se vos apraz, na primeira das qualidades, a mais difícil sob vários pontos de vista: o Discernimento. Começai pensando firmemente no que isto significa; a pensar, digamos, em vos próprios.

Chegais a comprovar que há muita coisa em vós que muda, que não é permanente; vosso corpo muda, vossas emoções mudam, vossas ideias mudam.

Tudo isto pertence ao irreal e não ao real. Para comprová-la, prescindí destas e daquelas, seja uma por vez, ou também com o corpo. Prescindí de um sentido, por exemplo, o da vista, e tratai de idealizar o mundo como se este não existisse, para forçar-vos a realizar que ele não é vós. Senti uma emoção e prescindí dela; isolai-a e recusai vibrar em resposta a ela, e vereis como aquelas mutáveis emoções não são vós próprios.

Ponde também de lado os pensamentos fantasistas, que mudam a cada alento, e vereis como essa fantasmagoria de ideias não é vós próprios. E continuai assim isolando parte por parte, até parecer que nada fica, porque percebeis que tudo é variável, e buscai então o que é real, o que não muda.

Porém, naquele vazio que criastes, naquele vazio onde o irreal desapareceu, onde se desvaneceu o imutável, onde por alguns momentos vos sentis frustrados, naquele vazio surge de vós a mais alta consciência, o imortal, o imutável, o eterno, a Vontade, da qual vossos mutáveis desejos são o reflexo do mundo exterior; a Sabedoria da qual vossos variáveis pensamentos são imagens num mundo mais baixo; a Atividade, da qual vossas volúveis ações são reflexo no mundo inferior. Separado de todas estas imagens mutáveis, vos sentis Vontade, Sabedoria e Atividade.

Da mesma maneira que o sol é um só no céu, mas reflete-se como milhares de sóis em tanques, lagos, rios e oceanos, assim conheceis o sol do espírito dentro de vós pelos quebrados reflexos que encontrais do mesmo no eu inferior. Pela meditação adquiris o conhecimento de que sois eternos, e que todas as coisas variáveis são apenas reflexos imperfeitos de vosso Eu real.

Desta tranquila meditação, desta grande realização, entraís de novo no vosso mundo externo de imperfeitas imagens, e viveis no Eterno enquanto

estais ocupados em vosso mundo exterior, porque sabeis que estais tratando só com reflexos, porém reflexos que são de vital importância para edificar o caráter e ajudar os homens. Sabeis que existe algo mais além deles e de vós mesmos, porém gostosamente saís ao mundo dos homens para levar-lhes o que haveis encontrado no silêncio da câmara da vida.

Viveis o que nesta câmara tendes aprendido; permaneceis na luz que se prende em vós; amais com o amor que surge do amor real, e vos converteis em um verdadeiro trabalhador nas moradas dos homens. E por isso também se escreveu: *“Ioga é habilidade na ação”*, pois só o homem que conhece o superior pode governar o inferior; só o homem, que está sem desejos pode ver melhor, trabalhar melhor para os seus irmãos; só o homem que tem uma vontade que nunca muda, pode permanecer imutável entre os desejos passageiros que revolteiam na natureza inferior.

Da meditação ao trabalho, obtenção da luz para levá-la ao mundo, aprender a sabedoria para usá-la entre os homens, perceber a reta atividade para corrigir vossos atos. É assim que o homem busca, se deseja encontrar o Mestre. É assim como Lhe oferece o trabalho que seja capaz de prestar, e trabalha com o desejo veemente de encontrá-Lo para servi-Lo melhor.

Depois de uma longa busca e investigação resoluta vê, em sua obscuridade parcial, brilhar a luz que é real; chega ao ponto onde o Mestre o encontrará, onde verdadeiramente seus pés trilharão aquela Senda Probatória para a qual esteve se preparando durante a Busca. Assim o deixamos batendo à porta, buscando o Mestre, sabendo que a porta girará rápida em seus gongos e que em seu limiar encontrará o Mestre.

Capítulo III.

Encontrando o Mestre

Na última semana deixamos o aspirante no limiar, por assim dizer, da porta que abre para a presença do Mestre. Ele serviu no mundo externo; aprendeu teoricamente a existência da Senda e dos Mestres; adquiriu certa soma de conhecimentos quanto aos grandes fatos da vida humana e sua evolução; acordou em si o desejo de dirigir-se definitivamente, e usar as grandes leis da natureza afim de acelerar a sua evolução para poder prestar grandes serviços ao mundo.

Citei muito rapidamente os nomes das qualidades definitivamente estabelecidas como preparatórias para a Iniciação. Não é que essas qualidades devam ser perfeitamente adquiridas, nem que o homem deva ostentá-las sem nenhuma falha em sua plena força e beleza. Mas, sim, ele deve ter feito algum progresso em incorporá-las ao seu caráter; deve em alguma extensão, ao menos, ter modelado sua conduta segundo estas ideias capitais do Reto Viver, reto viver esse estabelecido pelos Mestres da Sabedoria como sendo necessário aos candidatos à Senda.

Também vos falei algo sobre a meditação, como meio pelo qual o homem pode desenvolver-se, primeiro pensando no ideal e depois levando-o à vida prática. Devo solicitar-vos que vos recordeis dessas sentenças finais da última conferência, porque num tempo tão breve ao meu dispor para tratar de assunto tão vasto, não há possibilidade de repetições.

Agora devo entrar diretamente no tema do Encontro do Mestre e da vivência destas qualidades, segundo as normas exigidas pelo Mestre. É admissível que em alguns dos pontos vosso pensamento não concorde totalmente com o pensamento do Ocultista. É admissível que em alguns pontos raciocineis que se realça demasiado alguma coisa que para vós é trivial, ao passo que, por outro lado, omitem-se outras que encarais como essenciais a uma reta conduta. Mas nós estamos agora passando da região das opiniões, para a região dos fatos.

O Discípulo não pode escolher as qualidades; deve apenas cumpri-las; se as acha mal escolhidas ou desnecessárias, não é obrigado a entrar na Senda, da qual se acha na fase preparatória. Somente depois de ter entrado realmente na Senda — da qual os Mestres da Sabedoria são os guardiães —, deverá aceitar as condições que ali são impostas; deverá tratar de corrigir-se delas, de acordo com a imemorial lei do Discipulado.

Quando o homem se distingue suficientemente, mediante seu serviço, por adquirir e aceitar os pontos de vista técnicos que foram estudados na Busca do Mestre, então encontra o seu Mestre, ou melhor, o seu Mestre o encontra. Durante todo o tempo desta luta, os benévolos olhos do Mestre o têm observado em seu progresso; durante muitas vidas no passado, tem estado sob a mesma influência, que agora vem a ser a predominante em sua vida.

Ele alcançou o ponto onde o Mestre se pode revelar, para pô-lo definitivamente à prova, para ajudá-lo a preparar-se para a Iniciação. Esta é a primeira instância onde o Mestre, em particular, escolhe um discípulo determinado e o toma ao seu cargo, para prepará-lo para a Iniciação, pois deveis recordar que a Iniciação é uma coisa muito definida, e que só os que a alcançaram podem persuadir outros a nela entrarem pelo mesmo caminho que percorreram.

Chegou agora o momento de tecer firmemente o laço definitivo, que nada pode romper, aquela ligação individual e distintiva entre o homem que está ainda fora da Senda e o Ser que está no alto. É uma ligação que nada pode romper, nem a morte, nem o fracasso, nem a loucura, porque resiste a todas tentativas para rompê-la. O homem pode ir lentamente até o seu objetivo, porém jamais pode desligar-se dele inteiramente, nem ficar apartado da Senda. O laço de união está ali, tecido e atado pelo Mestre, e não há poder em todo Universo que possa romper o que o Mestre fez.

Ele convoca o homem à Sua presença — não no corpo físico naturalmente, pois na maior parte os Mestres residem em lugares retirados, difíceis de alcançar, tardos em encontrar. Mas muito antes disto, enquanto o seu corpo dorme, o homem aprendeu a trabalhar ativamente no mundo invisível aos olhos carnaís, no chamado corpo astral, que é, lembrai-vos: o mundo mais baixo das coisas invisíveis sobre o físico, no qual está presente o homem integral, Espírito e Alma, revestido de um corpo mais sutil.

É nesse corpo que ele recebe o convite do Mestre para entrar na presença física do Mestre, enfrentá-lo face a face e ouvir as suas palavras. Então, esse Mestre coloca o homem no que se chama “prova”, o laço de que falei, e depois o envia novamente ao mundo exterior para observar como ele empregará sua vida, como se portará em suas provas, nas quais demonstrará, ora energia, ora debilidade, para testar até onde a energia lhe permite esgotar rapidamente o mau carma que ainda possa existir.

Ele retorna ao mundo como um Discípulo em prova, sentindo uma nova energia atrás de si, um novo poder fluindo nele; sabendo (embora não possa recordar o acontecimento) que alguma grande coisa lhe aconteceu nos planos internos de seu ser. Pois a força do Mestre está com ele, a bênção do Mestre; está sobre ele; a mão do Mestre está estendida abençoando-o, e

assim ele caminha para sua prova no mundo dos homens.

Rápida ou lentamente, segundo viva as provas, nobre ou debilmente, vem-lhe um outro convite, ao constatar o Mestre que ele adquiriu, em considerável extensão, as qualidades necessárias, e precisa de outras instruções mais completas, afim de poder aplicar seus conhecimentos mais eficientemente na vida. De novo é ele chamado e de novo vê o Mestre, que então o aceita como discípulo, não mais em prova, mas aprovado e aceito. Agora sua consciência começa a fundir-se com a consciência do Mestre, e ele passa a sentir sua presença mais claramente e mais efetivamente o seu pensamento.

Nesta etapa é muito frequente serem dados aos jovens discípulos luminosos ensinamentos especiais para ajuda-los mais diretamente em sua jornada. É o que podeis ler, se quiserdes, no livrinho *Aos Pés do Mestre*^{3}, no qual um jovem discípulo foi instruído.^{4}

Ele recebia os ensinamentos de seu Mestre e, quando voltava ao corpo, dias seguidos, escrevia da melhor maneira possível tudo o que o Mestre lhe dissera, para que aplicasse essas qualidades em sua vida diária e entendesse melhor o que elas significavam.

Tanto quanto me permitem afirmar os conhecimentos que possuo, foi esta a primeira vez que foi dado a alguém escrever palavra por palavra os ensinamentos dados pelo Mestre no plano interno, referentes às qualidades.

Não quero dizer, com isto, que nada tenha vindo dos grandes Mestres ao mundo, mas, simplesmente, ser isto uma coisa singular, porque as qualidades foram expostas uma após outra, de acordo com sua aplicação na vida. Eis o que o autor escreveu:

“Estas palavras não são minhas, mas do Mestre que me ensinou; sem Ele, eu não teria feito nada, porém com o Seu auxílio pus os pés

na Senda. Se também desejais entrar na mesma Senda, as palavras que Ele falou podem ajudar-vos, se as obedecerdes. Não basta dizer que são verdadeiras e belas; o homem que deseja conseguir êxito neste caminho, deve realizar exatamente aquilo que ali se diz: *Olhar o alimento e dizer que é bom, não satisfaz o faminto; ele deve estender a mão, pegá-lo e comê-lo*. Assim, pois, não basta ouvir as palavras do Mestre; deveis fazer o que Ele diz, atento a cada palavra, acessível a cada sugestão”.

Em harmonia com estas qualidades, estou baseando o que digo nestes ensinamentos de um dos Mestres da Sabedoria e Compaixão. Naturalmente eu não posso aqui repetir tudo o que está escrito, porque me tomaria muito tempo, mais do que disponho, porém, o esboço é tomado deste ensino especial que podeis encontrar, embora não com esta detalhada explicação, nos livros hindus e budistas que nos traçaram tanto a Senda Probatória como a própria Senda.

Os nomes são tirados dali e o esboço do livrinho esteve muito tempo em nossas mãos. É a aplicação especial que pode ajudar qualquer de vós, que já conheça os nomes destas qualidades, mas muitas vezes se pergunta como aplicá-las na vida.

É justamente isto que desejo transmitir-vos, embora com palavras débeis e menos belas do que as do Mestre. Como poderiam os lábios ainda tangidos pelas manchas da terra, expressar adequadamente as grandes verdades espirituais com a cristalina limpidez com que brotaram dos imaculados lábios do Mestre de Sabedoria?

A primeira qualidade, como disse antes, é o **Discernimento entre o real e o irreal**. Entre os budistas se lhe chama a “*abertura das portas da mente*”, uma expressão muito adequada e significativa. Na última vez eu

vos disse como deveis meditar para alcançar a Consciência Superior que está em vós. Como aplicaremos na prática o que aprendemos na meditação? Meditar numa qualidade é o caminho do progresso definitivo.

O Mestre faz aqui uma grande divisão do total da raça humana, de uma maneira incisiva e clara. Ele diz que existem apenas duas classes de indivíduos no mundo: os que possuem o conhecimento e os que o não possuem. A segunda classe, como é natural, compreende no presente a maioria da espécie humana, pois, como disse outro Instrutor: poucos, são os que estão palmilhando esse Caminho estreito.

Conhecimento, como Ele o define, é o conhecimento da Vontade Divina na evolução e o desejo de cooperar com esta Vontade, para ajudar efetivamente no dia em que aquela Vontade atuar na terra tão bem como nos mundos superiores. Reconhecer que o mundo está sendo guiado para uma mais alta e mais nobre evolução; reconhecer que cada criança, jovem ou velho, preguiçoso ou ativo em seu progresso, segue para a frente sob o impulso do Plano Divino e pode ser ajudado ou dificultado em seu trabalho; reconhecer o Plano e procurar viver nele; fazer de sua própria vontade uma parte da Vontade divina, única Vontade verdadeira que existe: É esta a característica dos que sabem. Os que não sabem isto, são ignorantes.

Tornando a prática deste conhecimento, diz-se-nos como o discernimento pode operar na vida, não apenas entre o real e o não real, mas entre as muitas coisas nas quais existe algo de real e de não real e nas quais se pode ver a marca do real. Antes de tudo devemos conhecer que a forma não é real, ao passo que a vida sim o é.

Não importa ao ocultista a que forma de religião o homem pertença. Pode ser hindu, ou budista, cristão ou judeu, zoroastriano ou muçulmano. Tudo isto é uma questão de forma e não é o essencial; é a

maneira de cada um observar sua religião, até onde ela intervém em sua vida.

Assim, discernindo entre o real e o irreal em matéria de religião, prescindimos do conjunto das formas; admitindo plenamente que estas têm valor para os que delas necessitam — pois são os sinaleiros indicadores que guiam o homem ao longo da estrada da vida —, porém sabendo que todas elas apontam para uma única direção: o caminho do homem para a perfeição. O ocultista não deve falar contra nenhum destes caminhos; nem deve olhar desdenhosamente forma alguma que ele próprio possa ter superado. Deve reconhecer que as formas são muitas, mas a Sabedoria é uma só. Que a Sabedoria é o alimento da alma, enquanto que as formas são para a educação do corpo.

Deve também aprender a discernir entre o verdadeiro e o falso, não como o mundo o discerne, e sim, como o discerne o ocultista. O homem que induz seu pensamento para a verdade e recusa o falso, nunca atribuirá a outrem um motivo daninho oculto atrás de uma ação externa. Se não pode alcançar o motivo da ação de outro homem, não tem o direito de julgar o que não sabe, e sobretudo, como diz o Mestre, poderia atribuir-lhe um motivo errôneo, e isto violaria a lei da verdade.

Se um homem fala irritadamente, quem ouve suas palavras pode pensar que o ofensor deseja feri-lo, vê um motivo perverso atrás das palavras ofensivas. Mas deve-se notar que este homem pode nem sequer perceber que ele está ofendendo; pode estar sofrendo uma perturbação própria, alguma prova na vida, e também pode estar sob a ação de uma tensão determinada, ignorada pelo ofendido, a qual lhe irrita os nervos e o fez pronunciar palavras injuriosas. Portanto, não atribuais, motivo algum quando ignorais a causa, porque estais transgredindo a lei oculta da verdade

e podeis ser condenados como falsos testemunhos ante o tribunal do Grande Mestre.

Também deve discernir não só entre o certo e o errado; para o ocultista não há escolha entre o certo e o errado, pois comprometeu-se a fazer o certo a qualquer custo e sacrifício. Ele não pode, como o fariam alguns, hesitar entre o curso que é uno com a Vontade Divina e o que é contra ela; isso ele abandonou há muito em seu progresso para a Senda.

Tratando-se do certo e do errado, deve recordar-se sempre que para o ocultista não há escusa alguma para se afastar da linha reta; deve segui-la com mais ardor, com mais rigidez e maior perfeição do que os homens do mundo externo. Agir retamente está infundido em sua natureza, e na mente não pode surgir nenhuma dúvida quanto a seguir o caminho inferior depois de visto o superior.

Não quero dizer, com isto, que não possa cometer erros; que seu julgamento não seja equivocado; quero, porém, dizer que onde ele vê o justo, deve segui-lo inevitavelmente, ou de outro modo, seus olhos ficarão inteiramente cegos e cairá da Senda.

Ele deve não somente distinguir entre o certo e o errado, mas entre o que é mais importante e o menos importante nas coisas adotadas como certas. Algumas vezes surge uma questão de relativa importância, e quando tal questão surge, ele deve recordar sempre que seguir a Vontade divina e tomar a direção indicada pelo Mestre é a coisa mais importante em sua vida. Tudo o mais é secundário; tudo o mais deve ser rompido para cumprir-se a Vontade divina, porque essa Vontade delinea a Senda do dever mais importante, e se a cumpre, presta à humanidade o melhor serviço de que é capaz.

Também nesta distinção entre o que é essencial e o que não é

essencial, ele deve observar com benévola atenção todos os assuntos secundários. É bom ceder nas pequenas coisas que carecem de importância, para poder permanecer firme naquelas que são importantes. Eu mesma me lembro quão difícil me foi no princípio refrear a natureza obstinada que eu conservava de muitas vidas passadas de lutas e violências. Durante um ou dois anos, pratiquei o hábito de nunca recusar coisa alguma que me solicitassem, desde que não fosse contrária ao bem.

Fiz disto uma prática exagerada, com o objetivo de corrigir rapidamente meu defeito inato. E então inverti uma boa quantidade de meu tempo, como vulgarmente se diz, em fazer coisas desnecessárias, tal como ir a um passeio quando eu preferia permanecer em casa lendo um livro; cedendo em tudo o que não tinha importância para que pudesse alcançar diretamente o meu objetivo. E isto eu o recomendaria a alguns dentre vós, que são naturalmente imperiosos e exclusivistas, pois na oscilação do pêndulo de um lado para outro podeis algumas vezes exceder-vos na prática.

Deveis seguir o ponto médio, o caminho do meio termo, que era a virtude dos gregos. Se tiverdes pouco tempo e muito o que fazer, então não temais em criar os meios para o desenvolvimento das virtudes e livrar-nos de uma falha.

A seguir deveis aprender a discernir entre o dever de ajudar e o desejo de dominar. Muitas pessoas estão sempre se imiscuindo nas ações dos demais, como que desejando salvar as almas dos outros, em vez de atentar para a sua própria. Tende como norma que, quando puderdes oferecer ajuda, não deveis nunca observar o outro, salvo nos casos em que seja vosso dever guiá-lo; então será vosso dever exercer delicada observação de sua conduta. Neste sentido, o Mestre ensinou que o Discernimento deve ser praticado em todos os assuntos, para que essa primeira grande qualidade possa chegar a ser parte da natureza do discípulo.

A segunda qualidade consiste no **Desprendimento ou ausência paixões**. Isto é muito fácil em suas formas mais grosseiras. Quando já se despertou o grande desejo de seguir a Senda, as coisas que são efêmeras perdem sua atração; as coisas que já se sabe serem passageiras têm pouco valor para reter o homem decidido a avançar rapidamente para a perfeição.

Uma antiga escritura hindu diz: *“O desejo pelos objetos dos sentidos desaparece quando se viu uma vez o Supremo”*. Desde que se tenha posto o olhar na maravilhosa beleza e perfeição de um Mestre, a irradiação de seu caráter brilha e deslumbra nossos olhos, e nos deixa o anseio de reproduzir sua semelhança, e ser em pequena escala sua imagem seu mensageiro entre os homens. Há, porém, muitos desejos sutis, que podem fazer tropeçar o peregrino desprevenido: é o desejo de ver o resultado de sua própria obra.

Trabalhamos de todo coração e aplicamos todos os nossos poderes; consagramos nossa vida a algum projeto de auxílio para a elevação do homem. E podemos ver sem dó converter-se em pó nosso projeto, ver caídas aos nossos pés as paredes que levantamos como abrigo a nossas aspirações. Se não puderdes ver isto sem dó, é por que haveis trabalhado para colher resultado do vosso trabalho e não por amor à humanidade. Pois, se tiverdes edificado mal em lugar de bem (embora isto não vos pareça), o grande plano romperá a obra em pedaços.

Porém o material não será perdido. Cada esforço nele posto, cada aspiração nele incorporada, cada empenho feito em edificar, são armazenados como elementos para uma nova edificação maior, que será levada a efeito com vistas ao plano do Grande Arquiteto do Universo. É assim como aprendemos a trabalhar, porém nunca a pedir recompensa aos resultados de nosso trabalho, certos de que o que é bom deve perdurar, enquanto que o que é mau será irremissivelmente destruído.

Algumas vezes o desejo de poderes psíquicos atíça o discípulo. Imagina que ele seria muito mais útil se pudesse ver; *“Oh! Eu poderia ajudar muito mais ao próximo se pudesse recordar o que faço quando estou fora do corpo”*. Quem é o melhor juiz e melhor sabe o que é necessário ao discípulo, senão o Mestre?

Se Ele vir que podeis melhor ajudar possuindo poderes psíquicos, Ele vos abrirá o caminho e vos dirá como podeis empregá-los. Porém, muitas vezes o trabalho se torna muito melhor se é feito sem este meio, para o tipo especial de trabalho que o Mestre necessita que o discípulo execute naquele momento.

Deixai a Ele a incumbência de escolher o tempo em que esses poderes devam florescer; são flores da natureza espiritual, que chegarão a aparecer quando o Grande Jardineiro vir que chegou a época de sua floração.

Não só desejamos resultados; não só desejamos poderes psíquicos, senão que nos assaltam os mais sutis desejos como o de sermos admirados e reconhecidos, com o desejo de falar e demonstrar de qualquer forma nosso conhecimento.

Abandonemos esses desejos — ordena-nos o Mestre — porque o silêncio é a característica do Ocultista. Falai só quando tiverdes de dizer algo que seja verdadeiro, útil e amável; de outro modo o falar é um ardil e uma armadilha além de uma responsabilidade.

A metade dos prejuízos sofridos pelo mundo é causada pelas conversações vãs. Não foi sem conhecimento que o Cristo disse: *“De cada palavra vã que o homem pronunciar, deverá dar conta no dia do juízo”*.

Isto não se refere apenas a palavras feias ou perversas, e sim a **palavras vãs**. Saber, querer, ousar e calar, constituem um dos distintivos do

Ocultista. Por isso, os desejos mais sutis devem ser desterrados e atirados a ao montão de lixo, até que fique somente uma vontade forte, a vontade de servir ao longo das linhas traçadas pelo Plano Divino. Esta é a realização da ausência de desejos, a que o budista chama “preparação para a ação”.

Depois vêm as seis joias de que já vos falei: **Domínio da Mente**, afastando-a de tudo o que é daninho e usando-a para tudo o que é bom. E o domínio da mente é necessário na Senda, porque devemos modelar nossa mente de tal maneira que ela não possa ser sacudida por nenhum meio nem perturbada por nada do que o mundo externo chama perturbação, como sejam: perda de amigos e de fortuna, a calúnia, desonra.

De tudo o que causa transtorno em vossa vida mundana o Mestre disse: “*Isto nada vale*”. Porém, quão poucos são os que podem reconhecer esta grande verdade! São os frutos de pensamentos, desejos e ações do passado, o carma gerado no passado, e, até que seja esgotado, não podemos ser utilizados na obra do Mestre. Portanto, cabe-nos dominar a mente sem pensar no mal, de modo a mantê-la tão radiante e alegre quão tranquila.

Não deveis sentir abatimento, porque isso engendra ao vosso redor uma atmosfera que leva sofrimento aos demais; vosso trabalho deve consistir em aumentar a felicidade do mundo, e não em fomentar suas misérias. Se estiverdes abatido, o Mestre não poderá utilizar-vos para enviar Sua Vida por vosso meio para ajudar vossos irmãos.

A depressão é como um dique levantado no meio da corrente, para impedir que suas águas sigam o livre curso; não deveis pôr obstáculos à vida do Mestre, que flui através do discípulo, senão privais de suas bênçãos e alegrias os corações dos homens. Dominai o pensamento e também a ação, e agi tanto quanto possível de acordo com o justo, o bom e o benevolente.

Deveis também desenvolver a grande **Virtude da Tolerância**, que sói ser tão rara entre nós. *Deveis estudar* — disse o Mestre — *as religiões dos demais, para habilitar-vos a ajudá-los, o que não poderíeis fazer de outra maneira*. O juízo do mundo condena isto e não o aprova. Quantas vezes já ouvi críticas dirigidas contra mim, dizendo: “*Oh! Mrs. Besant fala como um hindu na Índia e como cristã na Inglaterra*”. Como poderia então eu falar de outro modo? Falar de hinduísmo aos cristãos não os ajudaria. Falar de cristianismo aos hindus e budistas, lhes ocultaria grandes verdades.

Nosso dever é aprender para ajudar, e só se pode conquistar os corações dos homens por simpatia, quando puderdes falar de seus pontos de vista, em lugar de vos manterdes obstinadamente nos vossos. Este é o grande distintivo de quem é verdadeiramente tolerante, porque pode ver as coisas do ponto de vista dos outros, e falar de tal modo que seja útil para ajudá-los.

Também deveis aprender a **Paciência**, para resistir às provas de que já tenho falado, provas que cairão sobre vós como granizos, a fim de que vosso carma seja esgotado mais rapidamente e assim vos capacite a servir. Recebei essas provas como uma honra, não como um castigo; são indícios de que os grandes Senhores do Carma ouviram vossa súplica por um progresso mais acelerado, e estão precipitando vossos carmas do passado para os extinguirdes e, portanto, atenderam vossos rogos.

Cabe-vos permanecer alegres e não com rosto descontente e angustioso; cabe-vos imitar os antigos mártires que sorriam diante do fogo, considerando-o como um carro de triunfo chegado para conduzi-los até o Senhor.

Também deveis aprender a **Perseverança**, que significa Unidade de direção, e que os hindus e budistas chamam *Equilíbrio*. Perseverança na obra do Mestre com um equilíbrio tal que nada vos possa tirar dela.

Como a bússola aponta sempre para o polo e a ele retorna toda vez que algo a force a desviar-se, assim deve a vossa vontade dirigir-se invariavelmente para a meta da divina Vontade* que é a perfeição humana que estais vos esforçando por atingir.

A última das seis joias é a **Fé ou Confiança** em vosso Instrutor e em vós mesmos. Mas diz o Mestre: *“Acaso o homem responderá: Confiar em mim? Eu me conheço demasiado bem para poder confiar em mim”*.

Mas o Mestre lhe responderá: *“Não, vós não vos conheceis bastante; só conheceis a casca que vos oculta, porque o Eu está na fortaleza inexpugnável que nunca pode ser abalada nem destruída”*.

Assim, as seis joias da mente vão aparecendo gradualmente para que nos últimos anos sejam melhor modeladas, e com o objetivo de que sejam reconhecidas no caráter. E então, Oh! Então, resta a **última das qualidades**, a mais dura de todas e que desperta maior oposição na mente de muitos. O hindu e o budista a chamam **Desejo de Libertação**; o Mestre a chama União com o Supremo, e como o Supremo é Amor, o Mestre a traduz por esse Amor vivido entre os homens.

E ao tratar Ele de grande virtude do amor, que é o cumprimento da lei, assinala três vícios que são crimes contra o amor e que, portanto, devem ser evitados pelo discípulo. O primeiro é a **maledicência**, o segundo é a **crueidade**, e o terceiro, a **superstição**. São estes, disse Ele, os piores crimes contra o amor.

Depois passa a explicar porque isto é assim.

Fala primeiro da **maledicência**, e diz como pensando mal de outro se comete uma **tríplice injúria** ao homem: *primeira*, enche-se o ambiente de maus pensamentos em lugar de bons, e desta forma aumenta-se o sofrimento do mundo. Também se o mau pensamento existe naquele

homem, o nosso mau pensamento aumenta-lhe o mal e o torna mais difícil de vencer.

Cada vez que, *com o vosso pensamento*, lhe imputais uma falta, estais tornando mais difícil a Senda de vosso irmão, agravando sua luta; talvez o vosso pensamento seja o último impulso determinante que o faça cair, e que de outro modo poderia ter se mantido firme. Se o pensamento for falso e não verdadeiro, podeis infundir-lhe um mal que ainda não existia em seu caráter.

Eis então a **perversidade de pensar mal**; não falais disto a ninguém, mas quando um mexerico passa de um a outro, o mesmo ciclo de mal se estende até aquele a quem se tem referido, e desta maneira vos converteis numa fonte perniciosa, por insignificantes que sejam as vossas palavras.

A **crueidade** é outro grande crime contra o amor, e o Mestre descreve certas formas de crueldade, de maneira ao discípulo saber como evitá-las. A **crueidade religiosa** foi exercida em tempos passados, nos assassinatos e torturas da Inquisição, porém o mesmo espírito aparece agora em todas as ásperas controvérsias religiosas e palavras mordazes dirigidas contra aqueles que estão tratando de pensar reta, embora diferente do pensamento de seus companheiros.

O Mestre também fala de outra forma de **crueidade**, que é a **vivissecação**. O Ocultismo fala da vivissecação num único sentido. Não importa que seja considerada em nome da ciência; não importa que várias comissões a estudem e dela se ocupem dando opiniões favoráveis.

A **crueidade consiste** em causar **dano desnecessário a seres vivos**. O verdadeiro resultado obtido pelos vivissectores demonstra que muita crueldade foi inútil e enganosa em seus resultados, pois dizem que as mesmas experiências poderiam ter sido obtidas sem

crueldade.

Depois da inquisição e do fanatismo religioso, depois da vivissecção, Ele fala de uma terceira grande classe, que é a **crueldade dos professores** para com os alunos. O ensino é uma das mais nobres profissões que o homem pode abraçar, porém oferece oportunidades de erros nos quais muitos incorrem.

O uso do castigo corporal, quando um homem forte e robusto maltrata uma criança inocente, débil e infeliz, é assinalado pelo Mestre da Compaixão como uma das formas de crueldade que fecha as portas da Senda.

A quarta classe mencionada pode ser difícil de ser aceita; trata-se do **esporte** em que **criaturas vivas são sacrificadas**. Todos sabem que é hábito a opinião social não condenar um homem que mata a milhares de aves e outros animais como esporte. Não obstante, esta prática é considerada um obstáculo para aqueles que desejam seguir a Senda.

O Mestre diz que a crueldade irrefletida leva à miséria e sofrimento tanto como a crueldade deliberada, que é relativamente rara.

Ele declara que a lei do carma jamais esquece, embora o homem possa esquecer, e que inevitavelmente cada dor infligida a uma criatura sensível traz a reação de dor a quem a inflige.

A **superstição** também é considerada como o último dos crimes contra o amor, o, qual, ensina o Mestre, e deve ser inteiramente evitado.

Há, porém, um ponto relativo à crueldade que, embora o tenha deixado por um momento, devo tornar a ele, porque significa também muito para a vida daqueles que são mais ricos em relação aos outros que trabalham para eles. O Mestre, conquanto se referisse mais à Índia, assinala

que o salário do trabalhador deve ser pago logo que ele termine seu trabalho. Ainda que isto raramente se veja na Inglaterra, onde o pagamento diário é obrigatório em todas as grandes empresas industriais, os Mestres sempre se ocuparam desse assunto na Índia,

Como dizia Maomé: “*Paga aos teus trabalhadores antes de secar o suor de seu corpo*”. O sofrimento originado por descuido ou descaso, pode ser amargo e de más consequências.

Outra falta, muito comum no Ocidente e também condenada, é deixar de pagar as letras ou faturas com cujas importâncias outros têm de atender a suas necessidades. Existem na sociedade muitas faltas de que o aspirante a discípulo deve libertar-se.

Eu disse que o último dos crimes é a superstição. O Mestre fala de duas formas, especialmente. Uma que ainda prevalece, embora muito mais limitada do que outrora, é o costume de oferecer sacrifícios de animais em alguns templos da Índia, especialmente entre os muito pobres e não educados, nas vilas mais do que nas cidades.

Porém ainda existem alguns templos, que até me envergonha falar, onde pessoas educadas e pensadoras oferecem sangue de animais às divinas formas que adoram. O Mestre fala contra isto e vos juntareis a Ele na condenação.

Vossos missionários estão de acordo conosco neste particular. Porém, que dirão eles quando se lhes mostre o monstruoso sacrifício de um maior número de animais só para dar gosto ao paladar? Esta **crueldade** também é **encarada** pelo Mestre como **superstição**.

A superstição diz que o homem precisa carne para alimentar-se. E que é realmente uma superstição, o sabem todos aqueles que a enfrentaram resolutamente e concluíram que obtêm saúde e não enfermidade quando seguem a lei do amor.

Aceitai isto como uma superstição e sereis ajudados a vos libertardes deste hábito.

Pelo menos concordareis comigo que, quando enviais pregadores de vossa fé à Índia, não é fácil dizer-lhes que não devem sacrificar o cabrito a *Durga*^{5} e considerar inocente o sacrifício do cabrito ao *sahib* e a *memsahib*^{6} nos bangalôs ou casas de campo, porque eles são lógicos e alegam: “*Se não podemos oferecer a Deus, como podemos oferecer ao homem? Se a vida dos animais é preciosa aos olhos de Deus, como dizeis, porque não deixais de pô-los em vossas mesas, já que o tirais do altar de Deus*”?

Desta forma este grande Mestre traçou para nós as qualidades exigidas para passar pelo grande portal da Iniciação, para o nascimento do Cristo no coração humano, que é o passo desse portal. Discorri tosca e inadequadamente, bem o sei, sobre o maravilhoso ensinamento que vem dEle para iluminar-nos, porém jamais encontrareis nesse ensino a mínima exigência de alguém pretensioso, nem coisa alguma senão como libertar-vos de muitos prejuízos, costumes, tradições, irrefletidos caminhos da vida, se quiserdes encontrar o Mestre, e ser reconhecido por Ele entre seus discípulos.

Se puderdes sobrepor-vos aos obstáculos que os costumes, tradições, irreflexão e o hábito criaram, e se minhas pobres palavras vos podem levar ao reconhecimento de que na vida não há gozo superior ao gozo do discipulado, o que não é propriamente sacrifício o que ele faça senão que é apenas lançar a escória ao fogo do qual sai o ouro puro em seu lugar.

Minha aspiração é que no coração de alguns de vos, embora fossem poucos em número dos que encham este vasto auditório, possam minhas

débeis palavras acender a chama eterna, e o movimento de avanço iniciado pelo meu discurso possa converter-se em resoluta vontade e decidido empenho.

Se assim fizerdes, esperai no futuro imediato o encontro do Mestre, porque, entre vós, também aquele que busca achará; e se bateis com a aldrava destas qualidades, seguramente a porta se abrirá ante vós para que possais encontrar o Mestre, assim como eu fui bastante ditosa para encontrá-Lo, para que possais conhecer aquele perfeito serviço que é perfeita liberdade, aquela alegria da presença do Mestre.

Tal é a esperança que eu quisera deixar-vos; tal é a aspiração que de bom grado eu quisera enunciar. E suplico que nenhuma imperfeição da oradora, nenhuma fraqueza da discípula, empane de qualquer maneira vosso conceito daquilo que brilha com intenso fulgor, que é a perfeita beleza super-humana; a figura do Mestre que podereis encontrar se quiserdes, e assim também vós todos possais dizer: “*Tendo procurado, encontrei*”.

Sinopses

Das quatro condições para trilhar a primeira parte da Senda.

- 1º O poder de discernir entre o ilusório e o real.
- 2º A tranquilidade de ânimo mediante o domínio ou ausência de desejos.
- 3º As seis joias ou qualidades da mente.
- 4º A paciência que não conhece o desalento nem admite o desespero.



As seis joias ou qualidades da mente, da 3ª Condição citada acima:

- 1 - Domínio da mente; fixá-la até convertê-la no instrumento de purificação do caráter.
- 2 - A virtude da tolerância e respeito ao sentir e pensar dos outros.
- 3 - O domínio da ação e das provas para esgotar mais rapidamente o Carma pessoal.
- 4 - O perfeito equilíbrio, ou a serenidade no bom senso para compreender imparcialmente.
- 5 - A fé ou confiança derivada do conhecimento e segurança nas verdades compreendidas.
- 6 - O desejo de liberação, a vontade de alcançá-la para ajudar os demais.

(Obs.: Sinopses compostas pela Autora para o Capítulo. **N.R.**)

Capítulo IV.

A Vida do Cristo

Já vimos o nosso homem do mundo dando deliberadamente os primeiros passos até a vida superior; seguimo-lo buscando o Mestre; vimo-lo obter êxito na busca quando O encontrou. Hoje devemos segui-lo através da primeira das grandes iniciações, avançando ao longo da Senda até alcançar a entrada na quinta Iniciação. É a vida de que fala São Paulo, cujo princípio está marcado pelo nascimento do Cristo no homem.

Deveis recordar-nos como ele quis que seus convertidos tivessem a sublime experiência de que Cristo nascesse neles. Ele também falou de uma outra existência, e disse “até que todos cheguemos a ser um homem perfeito da elevação e plenitude de Cristo”.

Desta forma o grande apóstolo da Igreja cristã marcou os dois limites do estudo que agora vamos fazer: um, o do nascimento do Cristo, e o outro, alcançar seu completo desenvolvimento e conquistar o grau em que o homem é perfeito.

Tal é a concepção de São Paulo quanto à significação e importância da Senda apresentada pelo Cristianismo. Nos tempos modernos, a ambição do cristão não tem chegado a tão alto, pois tem considerado como vida cristã o ser salvo por outro, e adornar-se com a retidão imputada a outro. Porém o grande apóstolo expôs de outra maneira o que ele chamou vosso convite e escolha. Não é ser salvo por outro, e sim converter-se em Salvador; tal foi o antigo e grande ideal da Igreja cristã.

Ser a gente o Cristo; observar a vida de Cristo; passar através dos grandes estados de experiência assinalados na história do Evangelho que, lido corretamente, é menos a história de uma pessoa que um grandioso drama de Iniciação do espírito. Observando-se àquela luz, a grande Senda permanece aberta, de modo a poder ser percorrida por todos os que queiram realizar em suas próprias pessoas a grande esperança do apóstolo em relação aos seus filhos espirituais. Assim, pois, não é menos que isso a possibilidade de quem quer que o deseje.

É essa parte da vida humana que é muitas vezes denominada simplesmente “**Senda**”; algumas vezes, como entre os *budistas*, “**Senda da Santidade**”; outras vezes, como entre os *católicos romanos*, “**Senda da Iluminação**”. É a Senda na qual a luz do Espírito “brilha mais e mais até ser dia perfeito”; a vida que foi levada pelo Cristo, como “o Primogênito entre numerosos irmãos” e não como uma única prova pela qual se poderá alcançar a divina humanidade. Concorro plenamente em que esta Senda pede a quem quer palmilhá-la, uma renúncia total a tudo o que em vidas passadas estimou como valioso e desejável. “*Estreita é a porta e acanhado é o caminho, e poucos são os que o encontram*”. Em idades futuras, muitos o trilharão; em idades ainda mais remotas, todos os seres humanos o conhecerão, porém, a humanidade atual escassamente passou o ponto médio de sua evolução, e por isso, no presente são poucos os que querem seguir esse Caminho.

Empreguei a palavra **Iniciação**. Devo deter-me nela por alguns momentos para que dela possa transmitir-vos algum claro significado, e eu vos rogo que recordeis o que todos conheceis de vossos estudos sobre a história do passado; que em todas as nações antigas existem certas grandes instituições conhecidas como Mistérios, com várias denominações, porém todos com essa única palavra em comum.

Eleusianos, órficos, báquicos, qualquer que seja seu apelativo, eram todos Mistérios nos quais eram iniciadas certas pessoas. Tem-se nos dito que nos primeiros tempos, todos os que eram mais puros e os mais nobres participavam desses Mistérios, os quais destruíam todo temor da morte e davam ao homem a certeza da imortalidade. Os que neles penetravam adquiriam uma sabedoria que outros não possuíam, distinguindo-se não só pelo desenvolvimento de sua inteligência, como pela nobreza e pureza de suas vidas.

Tem-se reconhecido a existência dos Mistérios não só na Grécia e Egito, mas também na Pérsia, Índia e China. Os dois maiores Instrutores religiosos da Índia foram conhecidos como expositores especiais dos Mistérios da Senda que conduz através deles à Meta, e essa Senda conduziu aqueles que a trilharam. Temos, de um lado, o grande Mestre, o **Buda**, e os budistas guardam ainda os detalhes da Senda que Ele expôs. Do outro lado temos **Shri Shankaracharya**, o grande Mestre hindu, que também expôs a Senda e marcou seus estágios de idêntica maneira.

Apartando-nos por alguns momentos daquelas grandes crenças pré-cristãs, notamos que nos primórdios da Igreja católica também existiam esses Mistérios. Podeis ler a seu respeito nos escritos de **Orígenes** e de **São Clemente de Alexandria**. De São Clemente sabereis como ele não podia falar em público o que aprendia nos Mistérios, porém alguns de seus discípulos podiam entender as suas alusões.

Podeis inteirar-vos daquela famosa declaração que se fez pública na Igreja católica, quando os que tinham condições para isso eram convocados para a sua admissão nos Mistérios: *“Aquele que durante longo tempo esteja consciente de não ter cometido falta, aproxime-se e ouça os ensinamentos que deu Jesus em segredo aos Seus discípulos”*. Podeis inteirar-vos de outros notáveis escritos de

como naqueles Mistérios foram anjos, algumas vezes, os Mestres, e como revelavam ao mundo invisível aos que haviam sido considerados dignos de serem Iniciados.

Se é certo que a Sociedade Teosófica veio nesta época proclamar de novo a existência dos Mestres, dos Iniciados e dos Mistérios (com o que cumpriu parte de sua missão), ela não tem a pretensão de trazer nessa proclamação alguma novidade para qualquer grande religião, mas está apenas reavivando seus primitivos conhecimentos e possibilidades.

Se dizemos que os Mistérios ainda existem; se declaramos que a porta da Iniciação continua aberta; se proclamamos nas antigas palavras que os que buscam acharão; que aos que batem se lhes abrirá a porta, isto não é fazer uma nova proclamação, mas, sim, repetir uma mensagem esquecida, dando ao mundo que se tinha afundado no materialismo, o conhecimento que ele havia esquecido, para o qual havia voltado as costas.

Assim, para lembrar-vos que este não é um ensinamento peculiar de Oriente, mas um ensinamento universal, falei-vos da vida do Iniciado em sua forma cristã, como vida do Cristo. Esse nome pelo qual foi conhecido muito antes de o grande Fundador do Cristianismo ter vindo ao mundo, pois é a vida dos Ungidos, daqueles que foram consagrados pela crisma do Espírito e começaram a palmilhar a Senda que os faz Sacerdotes e Reis ante Deus.

Esta é a antiga Senda chamada desde tempos imemoriais o “*Caminho da Cruz*”, porque a cruz é o símbolo da vida, da vida triunfante sobre a morte, do Espírito triunfante sobre a matéria. E não há diferença nesta Senda entre Oriente e Ocidente; existe apenas um ensinamento oculto, uma grande Loja Branca, formada pelos Guardiães que velam pelos tesouros

espirituais de nossa raça. Eles não conhecem diferença entre o Oriente e o Ocidente, nem fazem distinção entre o branco e o preto; só reconhecem as qualidades necessárias para receber a Iniciação e, segundo o costume tradicional, abrem o Portal ao homem que quer percorrer a antiga e estreita Senda.

Que significa esta Iniciação nos Mistérios? Claramente significa uma expansão de consciência. A Iniciação em si mesma compreende certa série de sucessos pelos quais o homem progride. São sucessos e experiências reais que requerem certo espaço de tempo; não são uma vaga e indefinida série de sentimentos, mas comunicações reais, pensamentos e ações experimentadas pelo homem fora do corpo físico, em presença de uma grande assembleia de Mestres. O resultado é que o homem se torna consciente de um novo mundo, como se lhe tivesse sido acrescido um grande novo sentido que lhe abriu um novo mundo que o rodeia.

É como se um homem houvesse nascido cego e só conhecesse o mundo pelo ouvido, gosto e tato, porém que, ao se lhe abrirem os olhos, visse um mundo novo, com o qual jamais havia sonhado, e que o rodeava de todos os lados. Tal ocorre ao homem que, tendo passado pela grande cerimônia da Iniciação, volta ao seu corpo no mundo mortal dos homens. Ao seu redor existe um outro mundo; pertence-lhe uma nova fase de consciência. Vê onde antes estava cego. Conhece onde antes só nutria esperanças e pressentimentos.

Destas grandes cerimônias, nesta Senda há cinco. A quinta é a que conduz ao estado do Mestre, da qual não tratarei hoje. São quatro os Portais na Senda que conduz até a divina perfeição final da humanidade. É do estudo destes que trataremos agora. Podemos tomar quatro grandes acontecimentos na vida do Cristo, relatados nos Evangelhos e que no simbolismo cristão representam exatamente aquilo que — sob outros

nomes, porém não com outras realidades —, os hindus e budistas descrevem como as **etapas da Senda**.

O **primeiro** grande acontecimento é o **Nascimento do Cristo**; o **segundo**, o **Batismo**; o **terceiro**, a **Transfiguração**, e o quarto, a **Paixão**. Consideremos um por um o que cada um encerra sob seus nomes, vendo como são descritos pelos nossos irmãos do Oriente.

Aquele em que é nascido o Cristo, o novo Iniciado, é sempre referido em todo o mundo como a “criancinha”. Recordei-vos da frase do Evangelho: “*Enquanto não fordes como estas criancinhas, não entrareis no reino do céu*”. “O Reino do céu”, “o Reino de Deus” é o antigo nome da Senda, e só a “criancinha” pode entrar ali.

O novo Iniciado, o Cristo-criança, nasce nesta nova vida do Espírito, e a expansão de consciência que ele obtém consiste em ter aberto para si, pela primeira vez, esse grande mundo espiritual em que todas as verdades são conhecidas por intuição, e não mais pelo raciocínio; em que os olhos do Espírito estão abertos, e adquirido o conhecimento das verdades espirituais; o conhecimento se torna intuitivo, em vez de racional.

Terminado o grande cerimonial, então é que, de seu próprio Mestre ou de algum discípulo adiantado a que é delegada essa tarefa, o novo Iniciado descobre dentro de si aquela nova consciência que tem de progredir gradativamente, de sorte que ele possa dominar o conhecimento que no começo lhe é apresentado numa ofuscante visão panorâmica, por causa do novo mundo em que ele nasceu.

Neste novo mundo a primeira das grandes Iniciações é mencionada como o “*segundo nascimento*”, o “*nascimento do Espírito*”. Tornou-se agora o “duas vezes nascido”; com efeito, nascido na terra muitas vezes,

mas sempre nascido na vida da matéria, é nascido agora na vida do Espírito, que se torna perpetuamente sua.

Esta é a chave do conhecimento que, como figurativamente se diz, se entrega ao novo Iniciado. É uma nova faculdade, um novo poder, um novo sentido que dele cresceu gradualmente, durante todo o tempo de sua preparação, e que agora se desabrocha em faculdade e sob o seu controle.

Então é que se faz aquela renúncia interna que vemos simbolizada nos três grandes votos que na Igreja Católica Romana e em parte da Anglicana, são os votos que dão admissão ao que ali se chama “a vida sobrenatural”. São os conhecidos votos de ***pobreza, castidade e obediência***.

Simbolizam uma grande verdade espiritual: a interna renúncia do Iniciado a todas as posses físicas e mentais, que até então considerava como suas. Não por palavra, mas pela verdadeira renúncia interna ele abandona todo sentimento de propriedade, todo sentido de posse de algo que supunha seu.

Pode possuir riqueza, porém já não é sua, porque pertence à Grande Loja Branca da qual faz parte. Se possui talento, não o empregará mais para si; só poderá usá-lo exclusivamente para a coletividade espiritual à qual agora se entregou inteiramente. E assim, seu coração abandona todo sentimento de propriedade, todo sentido de posse.

Por estranho paradoxo, é naquele momento de absoluta renúncia que os reis da terra, os sábios, trazem seus tesouros e os depositam aos pés da desvalida criança, porque, quando alguém nada necessita, todas as coisas lhe vêm às mãos, e as mãos que estão vazias a serviço do mundo, são sempre e continuamente cheias, ainda que nada retenham.

Desta forma, ele não só renuncia a toda posse e se converte

assim num executor capaz de administrar a obra à sua frente, mas também renúncia a todos os prazeres dos sentidos. Este é o significado interno do voto de castidade.

Submete também a sua própria vontade pessoal, a vontade separada, entregando-se totalmente à Vontade Divina, e daí em diante nada mais conhece senão essa Vontade como a determinadora de tudo o que ele pensa, espera e faz.

Tal é o significado interno do grande voto tríplice: renúncia do sentimento de posse, de todos os prazeres dos sentidos e da vontade separada.

Assim ele volta para o mundo. O hindu o chama “o Errante”, porque não possui mais nada próprio. Ele peregrina, no dizer do Senhor **Buda**, “*livre como o ar*”, somente consagrado ao único serviço, e disposto a ir aonde for necessário para o trabalho. Os budistas o chamam “*Aquele que entrou na corrente*”. Ele se lançou na grande corrente em cuja margem oposta está o Mestrado. Nunca mais poderá sair dela, nem jamais abandoná-la; a corrente flui entre o outro mundo e este, e quem nela entrou tem que ir até a margem oposta.

De três fraquezas tem que se libertar agora, antes de poder atingir o segundo Portal, mas libertar-se completa e inteiramente, pois nunca mais poderá trilhar de novo esta Senda; sua jornada é sempre para a frente. São chamadas os três grilhões, porque o detêm enquanto não os romper.

O **primeiro** é o sentimento de **Separatividade**. Para abandoná-lo, deve olhar todos os que o rodeiam como parte de si mesmo, sentir suas alegrias e tristezas, encarar os seres segundo seu ponto de vista, para sentir suas emoções e compreendê-los; para simpatizar com eles, de maneira a jamais censurá-los ou julgá-los. Todos são ele mesmo;

fazem parte sua própria vida.

O sentimento de separatividade deve apagar-se de maneira absoluta, porque um Salvador do mundo deve identificar-se com a natureza de todos. Daí em diante não menospreza nenhum dos que sejam menos evoluídos que ele, porque olha todos os homens como fragmentos da Vida Una e identifica-se com cada um deles para ajudá-lo e salvá-lo.

Deve libertar-se de todo sentimento de **Dúvida**, (*não da correta atitude mental de duvidar daquilo que é duvidoso, porque ainda não está provado; esta é sempre necessária, para evitar o perigo da credulidade e insensatez*), mas da dúvida quanto a certos fatos da natureza.

Do fato da **Reencarnação** ele não pode duvidar mais (*pois agora ele conhece seu passado; do fato do carma, a grande lei de ação e reação, também ele não pode duvidar; ele pode olhar para trás e observar a sua atuação no passado, e analisá-la no presente*); nem pode duvidar do fato da **Existência dos Mestres** (*ele permaneceu nesse maravilhoso círculo quando foi iniciado*); do fato da **Senda** ele não pode duvidar (*ele a está trilhando*). Essas constituem a dúvida que para sempre abandonou, o grilhão que poderia enterrar o seu progresso.

O terceiro grande grilhão é a **Superstição**, isto é, a crença de que são necessários ritos ou cerimônias especiais para a obtenção do resultado visado por ele. Já não necessita da ponte que é ainda necessária para aqueles que não conseguiram alcançar os mundos elevados por seu próprio poder, por seu próprio conhecimento.

Ele sabe que as cerimônias de todas as religiões são igualmente úteis para os seus aderentes, porém que ele não necessita mais de nenhuma delas. Sabe que não pode depender por mais tempo de tais

cerimônias, mas apenas do Deus interno que está nele.

O valor dessas cerimônias já passou porque ele agora vê sem véu as realidades dos mundos que elas simbolizam e das quais utilizava como acesso a essas realidades.

Quando estes três grilhões tiverem sido absolutamente eliminados, quando não mais tiverem o poder de detê-lo, então ascendeu à juventude e está preparado para passar pela segunda das grandes Iniciações.

No drama cristão é chamada o Batismo. Está escrito que o *Espírito de Deus desceu sobre Jesus e habitou n'Ele*. Essa é a forma cristã: O Espírito desceu (o Espírito da Intuição) e antes de ele poder prosseguir até a terceira Iniciação, tem de aprender a trazê-la, através de seus ampliados *corpos causal e mental*, até a sua consciência física, de sorte a poder “*habitar nele*” e guiá-lo^{7}.

Daí que o hindu o chame de o *construtor* dos veículos de que necessita; o budista: “*o que terá mais um nascimento*”, em sua marcha para a meta pela qual o aspirante se esforça.

Depois desta Iniciação o homem já não tem que se libertar de fraquezas, mas adicionar poderes: todos os poderes superfísicos pertencentes aos corpos superfísicos, que o homem agora tem de criar em si mesmo, afim de que ele possa servir com mais perfeição.

Pois esse grande mundo espiritual, o mundo da Intuição, está sendo conquistado passo a passo e deve preparar-se para servir nesse, tanto como nos mundos mental e emocional. Durante o tempo que permanece neste estágio de seu progresso, aperfeiçoa todos os corpos, edificando-os para a grande obra que tem pela frente.

Em regra, é curto esse estágio. E então ele se aproxima do terceiro grande Portal, aquele que na história de Cristo é chamado a **Transfiguração**

os hindus o designam sob o nome de Cisne, a ave celeste, o símbolo do reconhecimento do “eu” como um com Deus.

Neste estágio a divindade manifestada brilha intensamente, iluminando por um momento a Senda em frente que, descendo às profundezas do sofrimento, o conduz pelo vale da obscuridade e da morte.

Pois deveis lembrar-vos de que no drama do Evangelho, a transfiguração no Monte das Oliveiras é imediatamente seguida por acontecimentos como o da entrada em Jerusalém, o Horto de Getsemani e o Monte do Calvário. A luz divina resplandece nas trevas para que o coração humano possa prosseguir sem desfalecimentos.

Durante o tempo que transcorre entre a terceira e a quarta Iniciações, ele deve desembaraçar-se para sempre de mais duas imperfeições; a **atração** e a **repulsa** a todas as **coisas externas**. Podeis ver na alegoria evangélica como Cristo se despojou de toda inclinação para o que pudesse atraí-lo, ao sentir que se aproximava a Sua Paixão. Ao mesmo tempo podeis ver como cessou n’Ele toda repulsa quando permitiu que a mulher que fora pecadora se aproximasse d’Ele, Lhe lavasse os pés com suas lágrimas e os secasse com os seus cabelos.

É que a atração e a repulsa às coisas externas têm de desaparecer antes de chegar a grande prova, pois de outra maneira não seria possível seguir o Caminho. Sem obter antes essas condições, a última prova excederia as suas forças.

Assim, neste trajeto o discípulo aprende a elevar-se acima das atrações e repulsões e a eliminá-las para sempre; elas não têm mais sobre ele qualquer poder.

Ele se prepara para ir a Jerusalém, para a traição por um de seus Apóstolos, a deserção de todos, a solidão em que teve de enfrentar os

últimos grandes sofrimentos.

Pois entre a terceira e a quarta Iniciações se acha o abismo de silêncio, sobre o qual o discípulo se sente suspenso em meio do vazio, sem ninguém em que possa confiar na terra, nem nada que esperar do céu; sem amigos com cujos corações possa contar, e mais ainda, sem uma débil visão do Supremo.

Isto está simbolizado na agonia no Horto, onde o coração humano exclama: “*Afasta de mim este cálice*”, mas ainda a vontade humana se alça forte e renúncia por meio do “*Faça-se a Tua vontade e não a minha*”.

Depois passa pelos estágios da Paixão. Vê seus amados fugirem; atraíçoam-No, negam-No, repelem-No até o ponto em que na própria cruz da agonia é alvo da burla e desprezo de todos, sem o consolo de um só amigo, senão rodeado de um círculo de inimigos ufanos que o escarnecem dizendo: “*salva os outros e não pode salvar-se a si próprio*”, o que encerra a mais profunda das verdades, e finalmente lança o grito de seu coração extremamente dolorido: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste*”?

E naquela imensa angústia e solidão, encontrou para sempre o seu Ego. Perdendo o Deus fora de si, encontrou o Deus dentro de si. Porque, quando desce a grande obscuridade e nada se pode ver, então se ergue a luz do Espírito no coração humano, e em meio das trevas se ouvem as palavras finais do evento triunfante: “*Consumado está*”.

São estas as palavras que ressoam das hostes de Anjos e Homens perfeitos reunidos, quando a grande prova está terminada e é finda a agonia da cruz.

Depois tem lugar a quarta grande Iniciação, a do *Arhat* dos budistas e do *Paramahansa* dos hinduístas: “*Aquele que está além do eu, sou Ele*”^{8}. É aquele que se tornou o Cristo crucificado e, portanto, o servidor do

mundo; pisou sozinho todo o lagar⁽⁹⁾, e em si próprio encontrou toda a energia divina para fazê-lo; e finalmente se apercebe da maravilhosa verdade de que para ele a solidão terminou para sempre, pois encontrou a Vida Una e eternamente a conhece. Ele venceu, e o resto do Caminho é relativamente suave e fácil.

Depois da quarta Iniciação, a Paixão, resta apenas a **Ressurreição**, (a **Ascensão**) que é a Iniciação do Mestre. E na vida interna entre a Crucificação e a Ressurreição, tem que se eliminar a última fraqueza da humanidade. Não mais pode ele desejar a vida em qualquer mundo, pois ele é a vida, e todos os desejos estão desvanecidos.

Dele também desaparece aquele sentido de ser de qualquer maneira “eu”; ele é tudo, e todas as formas são igualmente suas.

Nada mais o pode abalar, pois o que poderia abalar a vida que se conhece? Tudo pode desaparecer, mas tudo tinha já desaparecido, e ele não havia perecido.

Ele sabe que nada o pode afetar, nada o pode abalar; tornou-se invulnerável a qualquer arma que pudesse ferir. Tornou-se o diamante, que nada pode cortar nem quebrar.

E assim de seus olhos caem os últimos restos do véu da ignorância. De si somem os últimos resquícios de fraqueza, e quanto ao mais, ele vive aquela vida em que se tornou o *Arhat*, livre como os pássaros no ar, em seu caminho solitário, com seus motivos incompreendidos.

Mas que importa isto para aquele sobre quem brilha perpetuamente a luz eterna? Ele vive como parte de uma poderosa Ordem, parte de uma poderosa força; ele sabe o seu trabalho e o executa, e sabe que o final é seguro.

E assim trabalha neste e nos outros mundos, pois agora todos os

mundos estão abertos para ele; havendo morrido para a terra, ele ingressou na Eternidade; a luz paira sempre sobre ele, e o Caminho está aberto. Ele trabalha simplesmente para que outros partilhem do que ganhou, tendo adquirido aquele mais esplêndido de todos os direitos, o direito de ajudar, seja a ajuda vista, reconhecida ou não. O que é isso para ele? Ascendeu àquele ponto em que todos os homens se abrem para ele, e lhes pode verter a sua força, auxílio, conhecimento, do alto da posição que agora galgou.

Isso é tornar-se um Cristo: conhecer a identidade da natureza que torna sua, a fraqueza dos mais fracos, bem como a força dos mais fortes; que torna seu, o pecado do maior pecador, bem como a pureza do mais puro; que o faz partícipe do desatino do criminoso, bem como da imaculidade do santo.

Eis a verdadeira glória do Cristianismo: que o mais ínfimo é tão amado como o mais excelso, pois são tão parte de si mesmo como os mais sublimes e os mais imaculados. Pois só conhecem a Vida Una aqueles que podem sentir-se tanto nos piores como nos melhores, para quem todos são como ele; tudo que ele possui é deles também.

Capítulo V.

O Cristo Triunfante e a obra de Hierarquia

Seguimos a longa e íngreme Senda. Aquele que a escalou, que passou e assimilou todas as experiências humanas. Aquele que enfrentou a agonia do isolamento, e pela última vez atravessou o portal da morte, esse se ergue triunfante ante o Portal aberto da quinta grande Iniciação, com amplas perspectivas de glória estendidas diante de si.

Alcançou o *Nirvana* (como se diz no Oriente), o estado de Consciência que a tudo abarca, que é a da extinção do eu inferior, onde o Espírito chega à sua plenitude onipotente, e o Discípulo exclama triunfante: “*Eu sou Aquele que vive e foi morto, e eis que vivo para todo o sempre*” (Ap. 1:18)¹⁰. Senhor da vida e da morte, livre de todo grilhão que possa prender, dotado de todos os poderes no céu e na terra. Ele permanece o Homem Perfeito. Terminou o ciclo da vida humana, preencheu o ideal do Homem Divino.

Na terminologia do Oriente ele é o liberto; na do Ocidente, é o que alcançou a salvação final. É aquele de quem se diz: “*O Cristo nasceu nele*”; tem já a estatura e plenitude do Cristo. Está entre os *seus numerosos irmãos*, de quem Cristo é o “Primogênito”. Converte-se numa “... *coluna do templo do meu Deus, e dela nunca sairá; ...*” (Ap. 3:12).

Nas escrituras hebreias e cristãs se encontram de vez em quando indícios destes grandes Seres. Assim, no Antigo Testamento se fala de um

grande Ser, Melquisedec, que saiu ao encontro de Abraão e de quem posteriormente disse o Apóstolo São Paulo: *“Sem pai, sem mãe, sem linhagem, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus, permanece Sacerdote para sempre”*. (Hb 7:3)

{11}

Tal é o imenso triunfo daquele que chegou à Perfeição humana. Atrás d’Ele fica longuíssimo passado com suas lutas, suas quedas e suas vitórias. Nasceu pela última vez. A morte já não tem poder sobre Ele. É um Mestre da Sabedoria. Alcançou a Vida Eterna.

Terminada a sua peregrinação, estende-se ante seus passos sete Sendas que devem conduzi-lo às gloriosas regiões da vida super-humana, Sendas de glória e poder, das quais todas, menos uma, O livram para sempre do fardo da carne humana. Naquelas regiões superiores, onde a matéria serve docilmente ao Espírito, Ele pode entrar para trabalhar no vasto Universo onde Ele permanece agora como Rei e Sacerdote.

Então, ao contemplar as sete Sendas, vê apenas uma que retorna à terra que deixou atrás de Si, onde o fardo da carne ainda deve ser suportado, onde o peso da última vida física deve ainda estorvar; um caminho que ainda o detém para trabalhar no mundo, enquanto os demais seis se estendem para frente, para muito longe de nossa terra.

Ao permanecer ali, em meio da harmoniosa música que O envolve, ecoa um soluço de dor, uma lamúria provinda da terra que deixou para trás. Ouve o grito da humanidade na escravidão; vê os tateios dos ignorantes, dos desvalidos, dos cegos; o sofrimento que transcendeu, a fraqueza que nele se transformou em força, a invalidez que nele se transformou em poder.

Sua raça o cingiu com os únicos grilhões que ainda têm poder para encadear o emancipado, o liberto Espírito: são os **grilhões da**

Compaixão, os liames do Amor, a antiga simpatia pela humanidade de que Ele é a flor, e por aqueles que ainda jazem em trevas e na sombra da morte, enquanto que a Luz Eterna O rodeia, radiante.

Então, em vez de alijar o fardo de carne, Ele o toma e ainda o sustém, afim de poder ajudar a humanidade. O corpo que foi o corpo de humilhação, tornou-se o corpo espiritual e glorificado. Ele ainda o quer usar para não perder o contato com a humanidade que Ele ama. E assim, dotado da poderosa consciência que ganhou, mas conservando ainda o fardo da carne, Ele permanece no mundo que tem o direito de deixar, em contato com a humanidade que clama por Seu auxílio.

Assim Ele se converte no que chamamos um Mestre, um Espírito liberto, que ainda usa o fardo da carne. É Ele e outros como Ele que, ascendendo de grau em grau a escada da sabedoria e poder super-humanos, formam a Hierarquia Oculta, os Guardiães do mundo.

São Eles que, permanecendo conosco, o fazem para ajudar, guiar, fortalecer, elevar, de sorte que a humanidade sem os seus Guias ao longo da Senda, não seja deixada a vaguear sozinha, sem ajuda, pelos difíceis caminhos da evolução.

Ele se converteu no Salvador do mundo. Conquistou o direito de poder ajudar. Assim como o Sol derrama luz e calor sobre o mundo, de forma que seus raios animam toda a vida terrestre e ao seu redor germinam todas as sementes, vegeta a planta, fortalece o animal e torna possível a vida humana, assim também estes grandes Seres são Sóis no firmamento espiritual, e derramam sobre a terra a Sua força e sabedoria.

Fazem germinar todas as sementes do bem, que infundem na humanidade vida e energia que lhe possibilitam o crescimento. Eles não se colocam em nosso lugar; não podem substituir-nos, porém, em

virtude de Sua identidade de natureza e da altura em que pairam sobre nós, podem derramar Sua vida para estimular nosso crescimento, e nossa fraqueza se converte em fortaleza graças ao estímulo de Seu poder.

Desta maneira ajudam o mundo, ajudam-no pelos meios que agora procurarei toscamente esboçar-vos. A vida desta Hierarquia pode infundir-se sobre a humanidade de três maneiras gerais. Sua luz desce das grandes esferas espirituais, como uma bênção geral, como a luz do Sol com a qual a comparei, iluminando e abençoando todos. Todos podemos nos aproveitar desta luz à medida que estejamos preparados para recebê-la segundo lhe abramos nossos corações e a aspiremos como a atmosfera que nos rodeia.

Do mesmo modo que pode nos abrir de par em par as janelas para que os benéficos raios de sol entrem em nossos aposentos, ou ao contrário, podemos cerrar as cortinas e impedir que o Sol entre, e lhe traga os raios de sua vida e saúde, assim também podemos abrir ou cerrar nossos corações à bênção generosa e à vida dos Mestres, bênção e vida que constituem a atmosfera e luz espirituais que Eles derramam. Abri vossas janelas e nelas penetrará a luz que está atrás das cortinas. Abri as cortinas e Sua Luz e Sua força inundarão vosso Espírito.

Um Mestre especialmente designado derrama Sua bênção e Sua força em grandes organizações, grandes coletividades, comunidades religiosas. As grandes religiões do mundo são como vasilhas de diversas formas, como vastos depósitos destinados a receber a mesma água espiritual que d'Eles flui para mitigar a sede espiritual dos homens.

Nas diversas religiões organizadas com o objetivo de difundir as doutrinas espirituais, um Mestre derrama Sua Vida e Sua Inspiração sobre os fiéis.

Esta é a causa das diferentes religiões do mundo, com seus distintos sacramentos e meios de obter a graça, adaptadas às diversas condições da época em que se fundaram, e ao temperamento dos povos que estão destinadas a instruir e desenvolver, dotando-os de uma civilização peculiar, para assim dirigir e ajudar as raças e sub-raças da humanidade.

O terceiro processo de auxílio empregado pelos Mestres da Sabedoria, consiste em difundir, pelo mundo, vigorosos pensamentos de conhecimentos, beleza e inspiração, destinados especialmente aos homens e mulheres capazes de assimilá-los e servir de seus condutos em todos os lugares do mundo.

Infundem pensamentos científicos aos sábios; pensamentos de beleza aos artistas, de patriotismo e utilidade prática aos estadistas, de potência criadora ao poeta e ao literato. A bênção dos Mestres se manifesta por meio destes pensamentos para ajudar e elevar os homens.

Não há nenhuma só inspiração poderosa que comova o espírito e o coração, nenhum só pensamento vigoroso que ilumine todo um campo de conhecimentos, nenhuma forma deliciosa de beleza para encanto da vista ou do ouvido, que ao se abrir em nossa atmosfera terrestre, não emane da grande Hierarquia, cujos membros só existem para ajudar os homens que não cessam de idealizar novos métodos e elaborar novos planos para elevar a raça e acelerar a evolução.

Alguns destes Mestres tomam como pupilos e discípulos, segundo as diretrizes que já vos expus, os que estejam desejosos de trilhar a Senda que Eles trilharam, de sorte que as fileiras da grande Hierarquia nunca fiquem desfalcadas, enquanto houver homens necessitando de auxílio e a humanidade habitar em nosso globo.

Desse auxílio mais geral e individual, volvamo-nos para os dois grandes departamentos da vida humana, em que se pode ver mais especialmente a obra da Hierarquia e todos os que têm olhos para ver o podem descobrir à sua própria maneira.

Existem dois grandes departamentos da vida humana, que especialmente necessitam de auxílio: o *Departamento Governamental*, que guia toda a evolução natural, modifica a face da superfície de nosso globo, constrói e destrói continentes, suscita novas raças que crescem poderosas e depois desaparecem, controla os destinos das nações, modela o destino das civilizações, ajusta, de época em época, os grandes débitos entre as raças e nações, e governa os destinos externos dos homens.

Esse poderoso Departamento Governamental é um em que a Hierarquia Oculta está sempre em atividade; ali o Homem Ideal, o *Manu*, como o chamam no Oriente, é quem modela e guia as operações deste Departamento Governamental, sob a direção do Chefe Supremo da Hierarquia, o Senhor de nosso mundo.

Ao lado desse, está o *Departamento de Instrução*, donde procedem todas as religiões que inspiram e matizam as civilizações. À testa desse Departamento, dois graus acima do grau de Mestre, permanece o Supremo Instrutor, que é o Instrutor dos anjos e dos homens, chamado no Oriente a *Sabedoria*, ou *Bodhisattva*, e no Ocidente o **Cristo**.

Sua tarefa é zelar pelos destinos espirituais da humanidade; guiar, abençoar, manter as várias religiões do mundo, delineadas por Ele. É Sua função nomear um Mestre ou outro como o Guia e Protetor especial de uma religião, enquanto Sua própria bênção flui sempre sobre todas as religiões vivas da época. Seu é o grande dever de aparecer de época em época para inspirar uma nova religião, vibrar uma nova tônica, até que soem todas as notas que constituem o acorde

de nossa humanidade, várias, mas todas harmoniosas, dando os diferentes tons mas formando um poderoso acorde.

Contemplando o remoto passado de nossa raça, vemos que de época em época veio Ele, o ***Bodhisattva*** ou **Cristo** do passado, que deu as primeiras religiões à grande Raça Aariana; que teceu a textura do Hinduísmo para o tronco-raiz ariano; que ensinou no Egito como ***Thoth***, mais tarde conhecido como ***Hermes***, o poderoso Revelador; que veio como ***Zoroastro*** para o grande império persa, há trinta e um mil anos; que apareceu como ***Orfeu*** aos gregos, fundando os Mistérios Órficos, de que posteriormente derivaram gradual e sucessivamente todos os Mistérios da Grécia; que falou como o Sol na Índia, como Luz no Egito, como Fogo na Pérsia, como a delicada Beleza da Música e Som na Grécia; que deu a cada grande nação por vez a sua própria religião, lançou em cada uma delas as bases da civilização que essa religião tinha de colorir e inspirar; e que, depois, tendo cumprido Sua obra, surgiu pela última vez no Hindustão^{12}, para ali atingir a Iluminação de ***Buda***; e com o Budismo encerrou o antigo ciclo, deixando ao Seu Sucessor a abertura do novo.

Depois que o Instrutor do Mundo cumpriu Sua tarefa, depois que periodicamente apareceu no mundo para instalar a grande religião — que é Sua função revelar —, então, ao iniciar-se um grande ciclo mundial, Ele aparece pela última vez, profere a Sua palavra final, alcança a Sua derradeira Iluminação, e afasta-se da terra.

Assim, no Budismo findou esse grande ciclo da antiguidade e foi ali proferida a última palavra do mundo antigo. E Aquele que havia ensinado, Aquele que havia iluminado, o Cristo daquele antigo mundo, se afastou, concluiu Sua obra pela humanidade, cumpriu Sua tarefa, e o Seu sucessor estava preparado para substituí-Lo.

Então se abriu o novo ciclo, a nova idade de vida racial. Encerrou-se o velho e iniciou-se o novo, e com a quinta sub-raça, a teutônica, que hoje lidera as nações do mundo, inaugurou-se um novo ciclo, e para este veio o novo ***Bodhisattva***, o novo **Cristo**, para ser o fundador de uma civilização ainda maior.

Apareceu no meio do povo judeu para proclamar a Sua Mensagem, enfrentar o seu destino, ser rejeitado pelos Seus contemporâneos e ser assassinado pelo povo do qual tomara o Seu corpo. Não obstante, daquele aparente fracasso nasceu um magnífico sucesso; do aparente colapso total da Sua missão brotou a árvore cuja frondosa ramagem cobre hoje a Europa e a América.

O Cristo fez soar duas notas de vital importância; ambas marcaram o início de uma nova era e a diretriz que no devido tempo essa idade teria de seguir.

Todas as grandes civilizações do passado haviam sido edificadas **tomando a família como unidade**. Na Índia se declarava que o homem consiste do marido, a esposa e o filho. Assim, se atentardes para todas as antigas civilizações do passado, vereis que o indivíduo nada era comparativamente; a família era o fundamento do Estado, das famílias se construía o Estado, e o dever cívico era a mais alta moralidade.

Na nova era, a **nota fundamental foi a do indivíduo**, não da família. Foi o valor do indivíduo, a necessidade de formar o indivíduo, o pensamento do ser humano permanecendo então isolado para aprender a lição da fortaleza e da autoconfiança. Desvaneceu-se a ideia da Reencarnação.

A esperança de uma recompensa e o temor de um castigo reduplicaram o valor da vida presente, e a conveniência de que cada

qual fizesse nesta única vida o máximo para a salvação de sua alma. Assim, à ideia da reencarnação substituiu a de um céu e um inferno eternos, intensificando-se com isso, de uma maneira anormal, a importância da vida presente e o valor da alma individual.

Deste novo conceito, do enorme valor da alma individual, o Cristianismo alimentou o pensamento humano, resultando daí, durante algum tempo, a desordem, a discórdia e quase a anarquia. Mas isto foi necessário para o futuro da humanidade, porque antes de se levantar o Templo da Fraternidade humana, convinha talhar, modelar e polir as pedras individuais que iam ser empregadas na sua edificação.

Certamente que o trabalho do martelo e do cinzel é fastidioso. A pedreira está cheia de pó e de ruídos, porém de todo aquele caos saem as pedras polidas de vigorosas personalidades, aptas para constituir um maravilhoso edifício e juntas formar uma poderosa Fraternidade, pois antes de constituir a vossa Fraternidade, deveis edificar vossos Irmãos. Esta luta passada do individualismo foi um precedente necessário para formar uma raça mais robusta e ajustada.

E destarte, através de todo esse choque de individualismos, através de todo esse caos de classes belicosas, os homens e mulheres veem que o Cristo tocou uma outra nota, perdida nos dias primitivos, mas para no presente tornar-se dominante e oni-impulsionadora.

Essa nota é o ensinamento de que o maior é aquele que serve; de que força adquirida significa sujeição ao serviço; de que a medida do poder é a medida do dever, e de que os mais elevados devem ser os auxiliares de todos.

O Cristianismo fez vibrar a nota da abnegação pessoal como jamais o fizera nenhuma outra religião no mundo, e embora no

começo provocasse choques dos indivíduos, vedes que com isso se alcança o objetivo desejado, que é colocar o indivíduo em condições de servir; é apenas um meio para chegar-se a um fim: a adaptação do indivíduo para ajudar.

Dos ensinamentos do Cristo e do início de um novo ciclo surgiu uma nova civilização, turbulenta e combativa, porém na qual nasce a consciência social de uma compreensão do dever humano e o reconhecimento das responsabilidades humanas. Quando o individualismo houver concluído a sua obra e atingido o seu inevitável destino, o Mestre voltará de novo para ajustar as pedras preparadas.

Voltará o grande Artífice da Humanidade para estabelecer uma nova sub-raça e modelar uma religião universal. Em verdade, não virá para destruir, mas para completar e reunir ao Seu redor as numerosas crenças da terra. Pois aproxima-se o dia em que se cumprirão as Suas palavras: *“Ainda tenho outras ovelhas que não pertencem a este aprisco e que também me convém trazer; elas ouvirão minha voz e me seguirão, e haverá um só rebanho e um só Pastor”* (S. João 10:16).

Este Pastor será o poderoso Ser, o Mestre dos Mestres, o Supremo Instrutor, que está à testa deste Departamento de Instrução da Hierarquia Oculta; é o Chefe de todas as religiões da terra, e as ama e abençoa, e as quer unir todas.

Já dissemos que também havia um grande Departamento Governamental, cujo titular é o Homem Ideal, que leva a Sua obra a cabo entre nós simultaneamente com a mais suave, mais oculta e mais espiritual obra do Cristo. Atentai para a história do homem e vereis como, à medida que estudais, mais e mais se delineiam as características de um grande Plano, em que todas as raças, sub-raças e nações têm cada uma o seu lugar próprio, cada uma a sua função e dever. A história nos mostra as profundas

transformações que alteraram a superfície do globo.

Recordemo-nos de que os grandes naturalistas nos referem uma época em que o vasto continente da Lemúria se estendia pelo espaço onde hoje ondulam as águas do Pacífico. Considerai também como a Ciência tende cada dia mais a admitir que houve tempo em que foi possível passar a pé enxuto da África para a América, e que pelo lugar que hoje ocupa o Atlântico se estendia de Este a Oeste um dilatado continente, habitado por uma raça vigorosa, que levou sua civilização a todo o globo de então.

Veremos que no começo da raça ária desapareceram tais continentes e a superfície do globo se fragmentou em novas áreas de mar e terra, afim de servir de habitação para a nova raça.

Volvendo um olhar para o futuro, assinalaremos os sinais da formação de outro continente, de ilhas em erupção no vasto Pacífico, da extraordinária atividade vulcânica modelando os fundamentos de um novo continente, em que a humanidade viverá e florescerá quando grande parte de nossa humanidade houver se fragmentado e desaparecido.

Observamos que as transformações da superfície da terra coincidem com o nascimento de um novo tipo humano; que o continente lemuriano teve o seu tipo próprio, de que o *negro é hoje uma mistura remanescente*; que a Atlântida teve também a sua raça, a quarta, da qual se podem achar traços nos *índios norte-americanos*, nos antigos *egípcios*, nos milhões da *China* e *Japão*, pois a quarta raça ainda é a mais numerosa na terra. Também vemos nascer o tipo da raça a que atualmente pertencemos, a qual se propaga por todas as partes habitáveis do globo e se subdivide em várias sub-raças, facilmente reconhecíveis quando puras, como podeis distinguir os *celtas dos teutões* e os *latinos dos escandinavos*. Vemos como a *raça ária* se propaga e fortalece, domina e governa, coloniza e constrói um vasto

império.

Alongai vosso olhar mais algumas centenas de anos, e vereis essa raça atingindo o seu apogeu, construindo um poderoso império mundial, maior do que o que o passado conheceu, no qual se concentrarão todo o poder e glória das nações e se encarnará o maravilhoso grupo de grandes intelectos, que de quando em vez vêm ao mundo para uma raça atingindo o seu zênite.

Isto ocorrerá no futuro, tal qual no passado, por ocasião do extraordinário triunfo da grande sub-raça teutônica. Vede como ela se estende pelo Ocidente e Oriente e atentai que toda essa expansão tem uma finalidade, pois atrás dela está o *Manu* da raça, guiando e modelando o vasto império futuro.

Compreendei que todas as guerras e conquistas implicam um propósito, pois quando uma nação invade outra, a ocupa e domina por um tempo, durante esse tempo a nação conquistada aproveita tanto quanto a conquistadora, se aprende a sua lição. Quando os gregos conquistaram parte da Índia, trouxeram consigo a sua Arte e deixaram profundamente marcada a Arte da Índia com a beleza da Arte grega.

Quando da Ásia Central desceram para a Índia as poderosas hordas de mongóis, desenvolveram uma outra forma de Arte e enriqueceram o país que conquistaram. Todas estas conquistas do Oriente pelo Ocidente e do Ocidente pelo Oriente entram no vasto Plano, e espalham por todas as nações os tesouros que de outro modo ficariam circunscritos aos limites de um só país.

Alargando nossa visão por horizontes mais amplos, veremos os projetos de um Plano muito mais vasto e grandioso, e notaremos que uma nação é separada para edificar algo de valor para a humanidade, e depois se espalha pelo exterior e ali se estabelece para levar a outras partes aquilo que realiza dentro de suas próprias fronteiras. Estas guerras e conquistas, estas

lutas de nação contra nação, de raça contra raça, têm todas o seu lugar no imenso Plano da evolução e são guiadas pelo **Manu**, que conhece exatamente as necessidades de cada nação e sub-raça e promove o cruzamento de umas com outras para favorecer o progresso do conjunto da humanidade.

Assim, por exemplo, na guerra entre a Rússia e o Japão, atrás de seus exércitos estiveram em pugna os ideais do Oriente e Ocidente. O Oriente estava a ponto de perder sua influência, pois não era mais respeitado. O fiel da balança havia oscilado muitas vezes entre o Oriente e o Ocidente, inclinando-se sempre a favor do Ocidente; para salvar o ideal do Oriente e conservá-lo no interesse da humanidade, triunfou o Japão no tremendo conflito decidido nos campos de batalha da Ásia.

É muito terrível o espetáculo de um alude^{13} que, desprendendo-se do cume da montanha, rola por sua encosta e arrasa quantas vidas encontra em seu impetuoso avanço, até inundar o vale. Mas, após milhares de anos, o mesmo vale devastado pela queda do alude florescerá esplendidamente e o cobrirão doiradas messes. As crianças brincarão nele alegremente e o homem viverá feliz.

A destruição significa reconstrução; a morte não é mais que uma nova vida. As numerosas provas pelas quais tem passado a humanidade a fazem ascender de nível, e a Hierarquia planeja e traça planos cuja execução dirige para a ascensão final de todos os homens.

Neste momento de plena tempestade, quando a luta de classes ainda mais terrível do que a guerra entre as nações, assola nossos países e enche de temor o coração dos povos; neste momento em que parecem fechadas todas as saídas e não se vê a possibilidade de remédio algum, porque a velha civilização se afunda antes que a nova surja, recordai as palavras de

Cristo: “*Não se turbe vossos corações*”, porque as angustias presentes prometem um ditoso porvir. Tudo há de acabar felizmente, porquanto a Hierarquia se oculta atrás da belicosa vontade dos homens, e aproveita o mal para realizar o bem.

Não quero deixar-vos com palavras de esperança, e sim, de certeza; não de dúvida, e sim, de firmíssima confiança. Desde que o Cristo é o Instrutor e o Homem Ideal é o Governador, tudo há de terminar bem no mundo que Eles amam e do qual se fizeram Guardiães e Guias. Se ao nosso redor se diluem alicerces, é para que outros mais sólidos os substituam. Se se derrubam monumentos é porque já estão gastos e outros templos mais formosos hão de se erguer sobre suas ruínas. O desespero não deve apoderar-se de uma raça que engendrou o **Cristo** e o **Buda**. O desespero não tem lugar numa humanidade em que os homens estão em crescente ascensão para Deus.

Capítulo VI.

A vinda periódica de um Instrutor do Mundo^{14}

Quando observamos o passado, e lemos na imprensa atual de todos os países, nos sermões das igrejas anglicanas, nos pastores reformistas, todos fazem alusões e dão ensinamentos sobre o aparecimento de uma nova era e, conseqüentemente, a vinda de um novo Instrutor para a humanidade.

Há alguns anos, quando esta ideia se propalou, não fiz caso, porém, pouco a pouco se espalhou de tal maneira, que me levou a pensar logicamente na realidade deste pensamento. Alguns prelados eminentes de diversas igrejas expuseram suas crenças neste advento. Em todos os países esta crença foi se difundindo; procurarei então demonstrar racionalmente a nossa convicção da ideia, e expor os motivos que nos levam a aceitá-la

Primeiramente, convém recordar que, no passado, algumas seitas cristãs de menor importância acreditavam piamente no que nesta ocasião chamavam a segunda vinda do Cristo, e esta ideia chegou a ser muito familiar nos meados do século passado, embora parecesse ridícula e não fosse aceita pela maioria das pessoas, porque era exposta segundo o critério religioso tradicional e em desacordo com o progresso normal do mundo, cujo o fim se dizia iria coincidir com a vinda do Cristo.

Era crença entre os adventistas que Cristo, tendo vindo já uma vez para redimir o mundo, devia voltar para julgado, e um bom número de pessoas, embora em minoria, acreditava ter chegado o tempo em que esta

profecia se cumpriria.

Por exemplo, a seita dos adventistas sustentava firmemente a ideia do segundo advento do Cristo. No seio das igrejas formavam-se grupos que afirmavam sua crença na volta do Cristo; e, todavia, algumas seitas cristãs sustentam a mesma coisa, completando-se com a ideia do fim do mundo quando o Cristo vier.

Na época destas afirmações, dizia-se que no texto grego do Novo Testamento não aparecia nada referente ao fim do mundo, e sim, ao fim de um ciclo ou período, e esta ideia de que o mundo tem que passar por vários ciclos é familiar no Oriente há muitos séculos.

Do Oriente passou para a Grécia e Roma, infiltrando-se no Novo Testamento, conforme já foi várias vezes dito pelos hermeneutas, e foi aplicada aos ensinamentos do Cristo.

Quando foi difundida profusamente a tradução do Novo Testamento — e como poucos conhecessem o texto grego original —, a ideia da destruição do mundo se propagou por toda a Cristandade. Porém, hoje em dia goza de escasso crédito por estar em desacordo com a opinião geral das pessoas que, por pouco que raciocinem, não podem admitir a possibilidade de que subitamente cessem todas as atividades do mundo em que vivem.

Assim, as coisas começaram a se propagar entre os pensadores, e um novo conceito referente às relações dos grandes Instrutores do mundo. O conceito teosófico, segundo se nos aparece, considera a vinda dos Instrutores do mundo como um sucesso normal, sujeito a uma lei definida e não uma quebra de continuidade; como uma parte do Plano divino da evolução humana.

Estes Instrutores aparecem sucessivamente, a determinados intervalos, e são acompanhados de certas particularidades que se

reproduzem de época em época.

A história das grandes religiões do mundo demonstrou que todas foram fundadas por um ou outro dos Grandes Instrutores. Com efeito, seja qual for a ocasião do passado que investiguemos, aparece sempre uma maravilhosa entidade no começo de uma nova era, quer no sentido religioso quer no da civilização.

Desta maneira podemos assinalar uma série definida e facilmente compreensível de religiões, que umas após outras nascem no mundo, quando a civilização ou a religião precedente começa a dar sinais de decadência e não pode adaptar-se perfeitamente às condições contemporâneas.

A história universal nos mostra uma série de ciclos cujo começo está assinalado pelo aparecimento de um Instrutor do mundo a cujo influxo a evolução humana dá um passo à frente, e surge uma nova civilização com seu princípio peculiar, que ajuda a humanidade a evoluir com uma orientação definida.

Não só cada fé religiosa significa um passo adiante na evolução humana, como realça em proveito da humanidade uma característica especial, a que a religião precedente não tinha dado grande importância.

Assim, as civilizações vão se formando e aparecendo um novo conceito da religião, o que pode ser bosquejado^{15} da seguinte maneira: a humanidade tinha muitas lições a aprender, e qualidades a desenvolver. Estas lições e qualidades foram assinaladas por determinadas religiões a propósito para identificar certos ensinamentos que desta forma foram incorporados à civilização.

Após estas lições aprendidas e assimiladas as qualidades que a

civilização continha, a humanidade alcançou um maior nível para continuar adquirindo qualidades cada vez mais valiosas e aprendendo lições mais úteis segundo vão as incorporando às religiões pregadas pelos Instrutores do mundo. O estudo da história universal vigoriza esta ideia com toda a precisão.

Analisemos os agora, rapidamente, alguns pontos relativos às novas civilizações e religiões, para melhor compreender a teoria que acabamos de explicar.

Para isto não há necessidade de nos remontarmos além da **raça ária**, à qual todos nós pertencemos. No primeiro ramo do tronco ário desenvolveu-se a grande religião hinduísta com seu Instrutor e Guia, na qual sobressaem de uma maneira clara e precisa alguns pontos que parecem ter sido os seus legados à grande religião universal. Ali encontramos a ideia da Imanência de Deus, da qual deriva a do dever, e deste, a unidade de todos os homens.

Estes ensinamentos se destacam dos demais com tanta precisão que o insigne missionário **Dr. Millar** disse, depois de longos anos de estudo e atuação na Índia, que o Hinduísmo deu ao mundo duas doutrinas de importância capital: a *imanência de Deus* e o *sentimento de solidariedade entre os homens*.

Depois do Hinduísmo, consideremos a obra do grande Instrutor que o seguiu. Esta obra corresponde à época da segunda grande emigração ária, que de sua pátria nativa se estendeu até a civilização egípcia. **Thoth**, ou **Hermes**, como foi chamado na língua grega, foi o grande Instrutor que veio ao mundo nesta época. Ensinou a Ciência, e fundou a religião egípcia baseada na profunda investigação da Natureza e o domínio das faculdades naturais. O Egito contribuiu para a evolução do mundo por meio da ciência

e conhecimento do mundo físico.

A terceira grande emigração localizou-se na Pérsia, onde encontramos como Instrutor do mundo o profeta **Zoroastro**, que fundou uma civilização cuja nota dominante foi a Pureza. “*Pureza de pensamento, pureza de palavra e pureza de ação*”, tal é a frase que diariamente, ao levantar-se pela manhã, o zoroastriano repete. Este apelo à pureza é a característica capital da religião do Zoroastro.

Da Pérsia vamos para o Ocidente, até chegar na Grécia, onde encontramos o grande Instrutor chamado **Orfeu**. A nota dominante da religião e civilização gregas foi a Beleza, cujo culto unido à solicitude por tudo o que era belo, deu à Grécia uma excelência de poderio entre todas as antigas civilizações do mundo.

Se da Grécia passamos para Roma, vemos que então predomina a ideia da Lei, o dever do cidadão em relação à comunidade. Considerando a religião do Senhor **Buda** tão largamente difundida no Oriente, veremos que sua ideia fundamental é a de que o homem por meio da Sabedoria, do reto conhecimento, aprende a viver e compreender todas as coisas.

Ao chegar ao Cristianismo, a religião em que tem se alicerçado a civilização cristã, observamos duas notas capitais reciprocamente dependentes. A **primeira é o valor do indivíduo**. Observareis que o Cristianismo difere das demais religiões, insistindo detidamente no valor do indivíduo e no desenvolvimento da ideia da individualidade. Além desta ideia, vemos ainda que é um preceito, após adquiridos os poderes, aplicá-los ao Serviço; pois, após alcançado o poder, o supremo ideal é servir.

Desta forma apareceu a **noção do espírito de sacrifício pessoal**, a grande contribuição do Cristianismo para a história das religiões. Quando o homem se apercebe do seu valor individual, deve,

daí em diante, consagrar-se ao Serviço e suas faculdades devem estar relacionadas com os seus deveres.

Considerando-se estes grandes Instrutores e as religiões que Eles fundaram, comprova-se que em todo o conjunto ressoa um acorde perfeito, em que cada religião tem seu lugar e valor próprios. A ideia de uma sucessiva série de Instrutores do mundo, que fundam religiões e civilizações é, sem dúvida, muito mais lógica e racional do que a da vinda de um Instrutor uma só vez. É depois voltar e julgar como um Juiz.

Acabamos então por compreender que o que aconteceu no passado pode repetir-se no presente, pois, assim como em outros tempos houve Instrutores, cada qual com sua obra particular, sobre a qual fundaram uma civilização, é muito lógico inferir que outros Instrutores virão no futuro continuar esta longa série de Instrutores do mundo, e realizar no nosso mundo atual o que os Instrutores do passado fizeram na sua época.

Virão vibrar uma nova nota no magnífico concerto da humanidade e trazer uma nova inspiração para que possa adiantar um passo, e estabelecer um novo ideal que sirva de modelo a uma nova civilização.

Após aprendidas as lições através das passadas lutas, e desenvolvida uma potente individualidade, sobrevém naturalmente a ideia da cooperação fraternal, de maneira que o objetivo de um é comum a todos.

Será estabelecido o princípio, já vigente em alguns pontos entre nós, de que toda sociedade bem organizada deve assegurar a cada um de seus indivíduos um mínimo bem-estar, e que toda sociedade que falte a este dever, falha no objetivo principal de sua constituição.

Provavelmente a nova consciência social que começa a se

desenvolver em nossos dias, assinalará um novo ponto de partida, que coincidirá com a vinda de um Instrutor, que, mediante seus preceitos e exemplos, personifique este novo conceito do homem, de modo que, se obedecermos suas instruções, seja possível fundar uma civilização mais nobre e fraternal do que quantas jamais houve no mundo.

Em tudo isto nada existe que repugne ao senso comum. A ideia de um novo Instrutor não faz nada mais do que continuar a linha histórica e sugerir a repetição do que tantas vezes ocorreu em o nosso globo. Quando percebemos que tal ideia não era inverossímil, quando compreendemos que de época em época aparece um Grande Filho do Pai universal, para dar às almas jovens uma lição que as eduque, então todos nossos pensamentos mudarão de orientação.

Talvez pergunteis: ainda percebendo que de quando em quando vêm ao mundo grandes Instrutores e que esta sucessão está assinalada na história, o que existe no atual estado de coisas que indique o final de um ciclo e o começo de outro!

O que justifica nas atuais condições do mundo a crença de haver chegado o ponto em que deve aparecer um Instrutor! Responderemos a estas perguntas.

Permiti-me expor as numerosas razões pelas quais o mundo está em um dos períodos de transição entre duas civilizações, num novo ponto de partida, porque o antigo parece ter chegado ao seu limite de utilidade e já não é possível ir mais além pelas diversas linhas de atividade humana, sendo indispensável um novo ponto de partida numa nova linha de atividade.

No que se refere a estas profundas mudanças, pode-se ver no passado que a superfície dê nosso globo sofre na distribuição de terra e água, certas

transformações **que coincidem com o nascimento de um novo tipo humano**, do qual se ramificarão diversos subtipos.

Aqui aparece o conceito teosófico da evolução humana, segundo o qual vão se sucedendo no mundo grandes *raças-raízes* com suas várias subdivisões ou sub-raças, designadas segundo a ordem natural de seu sucessivo aparecimento, ou seja, **primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta e sétima** sub-raças.

De uma destas se escolhe a semente da imediata raça-raiz, cujo número é o mesmo que o da sub-raça que lhe forneceu a semente.

Por exemplo, a quarta raça-raiz teve por semente a quarta sub-raça da terceira raça-raiz. A quinta raça-raiz, à qual pertencemos, saiu da quinta sub-raça da quarta raça-raiz. Por analogia, a próxima sexta raça-raiz se desenvolverá da sexta sub-raça de quinta raça-raiz, ou seja, a Aria.

Convém ter-se em mente este conceito para compreender o alcance de certos fatos físicos.

Cada raça-raiz tem por morada um continente próprio. O célebre naturalista **Hackel** afirma que a raça humana nasceu num continente chamado Lemúria, agora submerso no Pacífico, de sorte que hoje há água onde antigamente houve terra.

Ao mesmo tempo que o continente da Lemúria desaparecia, surgia o da Atlântida, onde nasceu e viveu a quarta raça-raiz, que povoou a superfície terrestre naquela época.

A quinta raça-raiz, que é a nossa, habita os atuais continentes do globo; o Pacífico cobre a área onde existiu a Lemúria e o Atlântico está onde esteve a Atlântida.

Os livros hindus chamados **Puranas** enumeram os sete continentes em que viveram, vivem ou viverão, em sucessão secular, as sete raças raízes da humanidade. Esses livros indicam os continentes em que outrora

vivemos, já desaparecidos; os que existem hoje e outros dos quais um surgirá lentamente para servir de habitação à sexta raça-raiz, e o outro surgirá com o tempo para morada da sétima raça.

Pois bem, há em nossos dias indícios manifestos de que no Pacífico começa a surgir um novo continente. Esta afirmação não se apoia nos ensinamentos teosóficos, e sim, nas **observações de geólogos**. Se examinarmos bem o que aparece nas revistas, e jornais durante estes últimos anos, veremos que entre eles alguns apresentam novas ilhas que emergem uma após outra na área chamada Anel de Fogo do Pacífico, promovido por terremotos e erupções vulcânicas.

São naturalmente ilhas estéréis e desertas, projetadas à flor da água pelos vulcões submarinos, de maneira que parecem terras. Este fenômeno está ocorrendo em nossos dias, e se a emergência de ilhas continua, dizem os geólogos que se levantará um novo continente do fundo do Pacífico.

Tem-se perguntado aos geólogos se semelhantes emergências eram perigosas para o nosso planeta. Alguns responderam que no caso de emergir bruscamente, as ilhas seriam funestas para a vida existente na terra; porém, do ponto de vista teosófico pensamos que não nos ameaça nenhum perigo, pois análogo fenômeno ocorreu no passado e há de ocorrer no futuro, tão lenta e gradualmente que, embora sobrevenham catástrofes e cataclismos locais, não há perigo de uma devastação total do mundo.

Portanto, o começo da formação de um novo continente, que deve ainda tardar centenas de milhares de anos para aparecer de todo, é o primeiro indício da profunda mudança pela qual a humanidade deve passar, isto é, que quando o novo continente estiver pronto, nascerá uma nova raça para habitá-lo.

Ao ver os indícios da formação de um novo continente, perguntamos a nós mesmos o que será da nossa quinta raça. Até agora só apareceram cinco sub-raças dela, e a sexta deve aparecer ainda, antes que disponhamos os materiais necessários para formar e desenvolver a nova raça-raiz.

Portanto, devemos observar o mundo tal como está agora, para ver se descobrimos alguns indícios do nascimento de uma nova sub-raça da quinta raça-raiz, de maneira a se destacar da outra sub-raça em cujo seio está nascendo.

Os Estados Unidos da América nos respondem a esta pergunta por meio do Gabinete de Etnologia, que recebeu recentemente de vários etnólogos do país, informações afirmando que no território da grande República começa a se manifestar lentamente um novo tipo humano, cujas características descrevem assinalando *as dimensões do crânio e do rosto*.

É uma nova sub-raça ou subdivisão das até agora derivadas da raça ária, como os *teutões* se distinguem dos *celtas*, pois ambos diferem não só em sua forma física como também em sua característica mental e emocional. Análoga diferença se nota entre o *latino puro* (como os italianos e espanhóis) e o *germano*, em estatura, cor e faculdades mentais.

Da mesma maneira está se desenvolvendo nos Estados Unidos uma nova sub-raça, tão distintamente caracterizada que todos os que voltam a esse país após alguns anos, por pouco que sejam, observam e se admiram do incremento do novo tipo, cujas diferenças saltam à vista, e a julgar pelo ângulo facial, é dotado de vivíssima inteligência e forte vontade.

Quando estudamos o passado, conjecturamos por analogia algo do futuro, e afirmamos que o novo tipo humano que está se desenvolvendo nos Estados Unidos é o germe da sexta sub-raça da raça ária.

Essa sub-raça irá crescendo, multiplicando-se e difundindo-se cada vez mais^{16} até que no final de séculos constitua uma civilização absolutamente nova e forme a imediata raça-raiz, que há de subsistir dezenas e milhares de anos antes do seu definitivo estabelecimento.

Ao considerar estes fatos puramente físicos, como traços da linha evolutiva da humanidade, recordaremos que sempre que apareceu uma nova sub-raça, um grande Instrutor veio para ajudá-la em seu caminho. Nisto vemos uma das mais poderosas razões para conjecturar sobre o iminente advento de um grande Instrutor, já que uma nova sub-raça está em formação, e este fato foi sempre acompanhado pela vinda de um Instrutor do mundo.

A história da nossa raça ária comprova que o grande Instrutor *apareceu sempre na época da formação de cada uma das sub-raças anteriores*. Ora, se um novo porvir se aproxima ante nós, devido ao nascimento de uma nova sub-raça, não é possível que pela primeira vez se interrompa a série de Instrutores; que pela primeira vez uma sub-raça fique sem guia em suas aspirações espirituais, e que ninguém venha lançar as bases da civilização que vai se fundar.

Não há dúvida de que é uma prova importantíssima, apoiada em fatos físicos que cada um pode julgar por si; porém, existem ainda outras razões que corroboram nossa crença no aparecimento de uma nova raça, e consequentemente, no aparecimento de um novo Instrutor para a nova civilização.

Comprovamos que hoje em dia, como nos tempos de Cristo, predomina uma opulenta e poderosa civilização, entremeada de miséria e sofrimento. Se de um lado é inegavelmente esplêndida, de outro é sem dúvida miserável e oprimida. Como poderia progredir nossa civilização, em

semelhantes condições?

Consideremos as terríveis agitações que fermentam em todas as nações do mundo civilizado. Não é possível abrirmos um jornal sem encontrar em cada página manchetes alusivas às turbulências que sobrevieram por toda a parte, no campo do proletariado em sua luta contra o capital. Vemos que na Alemanha, Itália, Argentina, França, Estados Unidos, Peru, em todos os países do mundo se movimenta em luta a classe operária.

Todas as agitações não são nada mais do que a guerra social que atinge sempre o organismo político. É impossível que todas estas agitações não levem os estadistas e pensadores a convencerem-se de que devem considerar um novo ponto de vista na organização social.

Toda organização social, quando não inspirada em princípios sãos, leva a nação e seu povo a condições piores; coloca a nação num beco sem saída, onde não é mais possível qualquer progresso.

Sente-se, então, a necessidade de aparecimento de um tipo diferente de civilização, e este sentimento concorda exatamente com o aparecimento de uma nova sub-raça, que exige o advento de um Instrutor do mundo, conforme tem acontecido no passado.

Não é apenas na questão social que isto acontece. No domínio do pensamento e das atividades humanas, também domina a convicção de que já estão gastos os velhos moldes, e é necessário um novo ponto de partida se não quisermos paralisar o progresso.

Isto mesmo observamos no campo das Artes, cujo ideal antigo está se apagando, ao passo que novas modalidades e conceitos de beleza surgem e prometem satisfazer as aspirações dos homens. O mesmo acontece na Ciência, cujos antigos processos estão inutilizados e se nota a necessidade

de um novo ponto de partida para não interromper o progresso, fim precípua de todas as atividades humanas.

Mas, onde há um fim, também há um princípio, pois a humanidade não chegou ainda ao seu apogeu, nem completou sua vasta evolução.

Quando algo murcha é porque algo está no ponto de brotar, e se umas coisas desaparecem é porque outras novas vão aparecer. Aqui podemos aplicar as palavras do *Apocalipse*: “... *Eis que faço novas todas as coisas. ...*” (Ap 21:5). Estas palavras ressoam no seio de todas as coisas que em nosso mundo se aproximam do seu fim, pois a vida é eterna, embora as formas envelheçam e morram.

Já demonstrei que tudo quanto temos dito aconteceu em épocas passadas, e podemos reconhecer no presente que nossa grandiosa civilização está terminando a sua obra. Este É um dos motivos que nos levam a crer na vinda de um novo Instrutor, pois tudo nos faz crer que se aproxima um novo advento.

Há outro motivo mais poderoso ainda, embora não o pareça à primeira vista. **É a expectativa, sempre crescente.** Esta expectativa geral e o sentimento gerado da crença na necessidade de um Instrutor do mundo, foram também notórias antes da vinda de Cristo: os judeus esperavam um Messias que os livrasse do jugo romano e reinasse sobre eles.

Além disso, sempre que tem que ocorrer um acontecimento extraordinário, precede-o um período de expectativa geral, porque o pensamento antecede ao ato, e os pensamentos engendrados nos mundos superiores refletem-se na terra por uma expectativa, por uma esperança.

Os pensamentos engendrados por Seres espirituais que guiam nosso mundo, tecem os destinos das nações, executam o Plano divino

da evolução e dirigem as forças superiores por canais predispostos a recebê-las para renovar as condições do mundo, quando este se encontra em períodos de transição impregnados dá ideia de que há de aparecer um Instrutor, pois os grandes Seres têm por encargo especial preparar este evento no mundo suprafísico.

O gigantesco conjunto de todas estas formas mentais se projeta na atmosfera terrestre e engendra no ânimo dos homens um sentimento de expectativa, que se propaga extraordinariamente e é a promessa de um próximo acontecimento. Há um provérbio que diz “*Os acontecimentos iminentes projetam sua sombra antes*”, encerra uma grande verdade, pois os acontecimentos **existem no mundo mental** antes de se efetuarem no mundo físico. Os pensamentos chegam antes das atividades, de maneira que o pensamento de um sucesso é a profecia de sua realização.

Desta forma, por toda a parte se espalha um sentimento de esperança, e; cabe a segurança de que algo está se realizando nos mundos superiores, que se torna expectativa no mundo físico. Esta expectativa, espalhada hoje em dia em todas as congregações religiosas do mundo, é certamente uma profecia do acontecimento que há de ocorrer; é o pensamento à maneira de um arauto que anuncia a vinda de um Instrutor.

Não é apenas um desejo, é sim, uma necessidade para o mundo, embora unicamente não possa abater o ânimo dos que creem que o mundo é guiado, auxiliado e protegido por potestades superiores ao homem, por Seres de nível superior ao nosso.

Podem somente crer no Instrutor aqueles que consideram o mundo como um vasto campo de evolução, com o único objetivo de que as Mônadas se desenvolvam nele. É que estão convencidos de que o mundo é regido por um Grande Arquiteto, cujos planos para o progresso da humanidade seus agentes e subordinados executam etapa

após etapa, conciliando os modelos que lhes é proporcionado.

Estes agentes, ante as urgentíssimas necessidades do mundo atual, consideram indispensável a vinda de um Instrutor que lhe preste o auxílio conveniente. Os problemas sociais mostram claramente quais são as necessidades do mundo. Precisamos de um Guia superior que ante os árduos problemas para nós insolúveis, nos indique a maneira de resolvê-los, e para livrar-nos da confusão dominante na vida terrestre, aplique pela primeira vez à sociedade e instituições humanas, os imutáveis e eternos princípios da moral.

Todos os Grandes Instrutores têm sempre usado a mesma linguagem. Todos têm dito: “*Amai-vos uns aos outros*”. Todos afirmam que o ódio não se extingue com o ódio, e sim, com o amor.

Porém, ainda que o Senhor Buda tivesse dito isto há vinte e cinco séculos e o Cristo insistisse sobre este ponto em seu admirável Sermão da Montanha, não existe nação alguma que aplique esses princípios.

Não existe nenhuma instituição baseada neste código de moral. E isto precisamente o que não se encontra em nossos dias.

Conhecemos os princípios, mas não sabemos aplicá-los. Não, nos apercebemos de que o amor devia ser a base da sociedade, porém sabemos que não há tal amor, que as rivalidades, as lutas e porfias são os elementos constituintes de nossa sociedade. Por isso convém que alguém venha a nos falar, com prestigiosa autoridade, que influa prontamente em nossos cérebros, orientando-nos pela senda da Fraternidade, traçada há séculos e séculos com o dever de trilhá-lo no seio da família, porém não do Estado. Precisamos de uma nova inspiração que nos leve a aceitar felizes todo trabalho neste sentido e nos infunda bastante fé para vencermos as

dificuldades acumuladas em nosso caminho e nos esforçarmos na aplicação desses princípios à conduta das nações e dos indivíduos.

Não há dúvida, de que todos os países possuem um bom número de pessoas que procuram ajustar sua conduta aos eternos preceitos da moral; porém não há nenhum só povo que, embora reconhecendo sua justiça, os ponha politicamente em prática.

Ao contrário, desmente-os em todas as instituições que organiza para se defender-se e atacar as nações irmãs, e as classes sociais não cuidam de concretizar em obras os princípios que em teoria reconhecem.

Necessitamos, pois, de um grande Instrutor, não tanto para trazer novas verdades, mas para nos infundir a inspiração que nos permita praticá-las e incorporá-las à nossa conduta. Quando o Mestre vier para nos instruir e inspirar, não virá fazer nosso trabalho, pois então não poderíamos nos educar nem adquirir conhecimentos.

Ele se limitará a ensinar-nos o reto e seguro caminho, guiando-nos para que à luz de Seus ensinamentos resolvamos por nós próprios os problemas que nos preocupam.

A humanidade evoluiu após a vinda do último Instrutor e presentemente é maior a inteligência dos homens, pois foi coletivamente elevado o nível da mentalidade humana.

Agora está se despertando uma consciência social, e espera-se a vinda de uma grande Ser, não como um conquistador que aumente nosso poderio, e sim, como um Instrutor que mostre o caminho da verdade, ensinando-nos a pôr nossos atos à altura de nossas aspirações.

O mundo sonha com uma vida social que há de deslumbrar a vista de

muitos e comover o coração de todos. Nas classes cultas e ricas da Inglaterra já está se desenvolvendo e difundindo um novo sentimento de responsabilidade; um novo anseio de servir; um relativo menosprezo pelo luxo que as rodeia e que as outras classes não podem desfrutar; uma aspiração ao sacrifício, para que os outros se aproveitem de seu sacrifício. Este espírito se manifesta cada vez mais na geração jovem.

Não são os velhos do dia, mumificados até cair na indiferença, que vão estabelecer o reinado do Cristo e fundar uma nova civilização sobre o amor e a fraternidade. O Instrutor dirigirá Sua voz aos jovens cheios de entusiasmo, de coração ardoroso e mente lúcida, que anseiam empregar sua atividade, amar e sacrificar-se.

O Mestre chamará os milhares de jovens que neste momento aspiram consagrar-se ao serviço da humanidade, e cuja pergunta é: *“Que poderíamos fazer para melhorar as condições do mundo?”* Neste sentimento tão amplamente difundido, neste fervoroso entusiasmo que se encontra na atual geração juvenil, vejo a hoste sempre crescente de discípulos que servirão os ideais do Cristo quando vier trazer Seus ensinamentos.

Ele guiará para construir um mais formoso edifício social. Esta é a verdadeira preparação para a Sua vinda. Este é o sinal inequívoco de Sua próxima aparição entre nós. Os que estão dispostos a trabalhar, a sofrer e sacrificar-se, formarão o pacífico exército sob Seu comando para conseguir a magna sociedade ideal que sob Sua direção tem de edificar e por Sua inspiração terá uma vida prática. Talvez esta falange de jovens seja a prova mais evidente do novo ponto de partida, porque são os arautos do futuro Instrutor, e os que O receberão quando Ele vier.

Se nos recordarmos das ideias até agora aqui expostas, e escudarmos

a história, podemos vislumbrar algo do prometido para o futuro; se observarmos as mudanças que estão se operando no mundo ao nosso redor, e os sinais demonstrados pelas transformações geológicas de nosso planeta; se observarmos atentamente a formação do novo tipo humano que há de constituir a sexta sub-raça; se nos convenceremos de que os magnos problemas que nos afligem não podem ser resolvidos pelos processos comuns; se atentarmos para a crescente expectativa reinante em toda a parte, à espera de um Ser que há de vir para guiar os povos: tudo isto nos fará nascer, não a esperança, mas a certeza de que nós nos achamos nas vésperas de profundas mudanças que facilitarão o advento de um grande Instrutor para nos auxiliar e conduzir no labirinto onde todos tateiam.

Ao mesmo tempo que esta ideia se torna cada vez mais firme em nossa mente, a vida se mostra mais cheia de esperanças e de transbordante expectativa. Então compreenderéis que o mundo não está abandonado; que as turbulências atuais que o sacodem violentamente, nada mais são do que os efeitos do despertar de uma nova civilização. E assim como a mãe esquece as dores do parto tão logo nasça seu filho há tanto tempo desejado, assim também as tribulações de nossa época, por terríveis e ameaçadoras que sejam, nos parecerão como a passageira obscuridade que precede a aurora de um grande e glorioso dia. Dentro de não muito tempo veremos grandes mudanças, e teremos nossas aspirações concretizadas em esplêndidas realidades e oportunidades.

- {1} A **Senda da Purificação** é a Senda Probatória, era que devem ser desenvolvidas certas qualidades; a **Senda da Iluminação** é a Senda da Santidade, subdividida em quatro etapas, em cada uma das quais se ingressa por uma Iniciação especial, simbolizada entre os cristãos como o Nascimento, Batismo, Transfiguração, e Paixão de Cristo; a **Senda da União** é o atingimento do Mestrado, da libertação, Salvação Final. (N.A.)
- {2} Obra editada pela Editora Pensamento. **N. da Ed.**
- {3} Ver este livrinho na obra *Ensinaamentos dos Mestres para a Vida Diária*, Editora Pensamento, onde está incluído. **N. da Ed.**
- {4} **Aos Pés do Mestre**, Jiddu Krishnamurti, 98p, Ed. Teosófica, ISBN 978857922013-5 (N.R.)
- {5} **Durga** é uma das formas da deusa **Parvati** que significa a encarnação do feminino e da energia criativa (N.R.)
- {6} **Sahib**: de origem árabe, significa *companheiro, proprietário*; na Índica adquiriu em relação aos europeus, o sentido respeitoso de *senhor, patrão* e **Memsahib** o conceito de *madame, senhora* — branca e/u de classe social elevada (N.R.)
- {7} Este processo se chama geralmente “*o desenvolvimento das faculdades psíquicas*”, e assim é, no verdadeiro significado da palavra “**Psíquico**”. Mas isso não significa o desenvolvimento da clarividência e clariaudiência, o que depende de um processo diferente. (N. da A.)
- {8} Nada mais existe, nem mesmo a distinção entre o “eu” e “Ele”, mas tão-só o Uno. A unidade é mais que a união (N. da A.)
- {9} **Lagar**: local para esmagar e separar líquidos de sólidos, como uva (vinho) e azeitona (azeite). Na hermenêutica (interpretação) bíblica simboliza o julgamento de Deus (N.R.)
- {10} Bíblia, Apocalipse 1:17-18, conforme ACF (Almeida Corrigida e Fiel): “*E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o Primeiro e o Último*”; “*e o que vive e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno*”. Os versículos são alterados levemente, de acordo com as traduções da Bíblia (a partir da versão grega) (N.R.)
- {11} Bíblia, Carta aos Hebreus 7:3, conforme ACF (Almeida Corrigida e Fiel): “*Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre*”. A referência a **Melquisedec** é feita por Paulo apóstolo, no versículo Hb 1:3: “*Porque este Melquisedeque, que era rei de Salem, sacerdote do Deus Altíssimo, e que saiu ao encontro de Abraão quando ele regressava da matança dos reis, e o abençoou*”; (N.R.)
- {12} **Hindustão** ou *Indostão*, designação histórica do subcontinente indiano, que abrange a **Índia**, **Paquistão**, **Bangladesh**, **Nepal**, **Butão** e, por razões culturais e integrarem a mesma placa tectônica: **Sri Lanka** (antigo Ceilão) e as ilhas **Maldivas** (no oceano Índico, abaixo de Sri Lanka). (N.R.)
- {13} **Alude**: mesmo que avalanche (N.R.)
- {14} Conferência feita em Edimburgo, Escócia, Inglaterra.
- {15} **Bosquejado**: o mesmo que esboçado, resumido (N.R.)

{16} Lembrar que esta conferência foi produzida pela Autora em meados de 1912 e as notícias divulgadas a partir de 1990 sobre crianças índigo e cristal (**N.R.**)

O

ANNIE
BESANT

APERFEICOAMENTO DO HOMEM

EDITORA PENSAMENTO